

AGG EN DA

MÉRTOLA CULTURA

2022
janeiro
fevereiro
março



editorial_ 04

~

destaques_ 06

Mudar de vida 08

Mitó e Vitor Lopes

Adriana Gil 10

Joia 25 anos Ciência Viva 12

Nádia Torres

Os Polinizadores 14

O ventre Negro 16

das Coisas Belas

em Rede I

Próxima Cena 18

em Rede II 20

malacate

em Rede III 17

de boca em boca

Trilhos de Mértola 30

Cine-Teatro Marques Duque 32

Lembrar Serrão Martins 33

do aberto ao abismo 34

do abismo ao aberto

arte_ 62

exposições 63

Biografias da Arte 65

Zarcos Palma

A nossa capa 70

Bárbara R.

Programa Residências 73

~

36 _em andamento

A Alma e o Caos

~

38 _teatro & cinema

39 porque há vidas que davam filmes e
filmes que marcam vidas
cinema paraíso
programação cinema & teatro

~

54 _música & dança

55 Ponham os ouvidos nisto!

"Requiem For Empathy" de Moullinex

57 Histórias com Música

Armando Torrão

60 Programação de Música

74 _museu & arquivo

75 A Tecnologia ao Serviço
da Divulgação nos Museus

Ligia Rafael

78 aconteceu

Paula Rosa

80 memórias fotográficas

81 Centro de Documentação da
Mina de S. Domingos

82 literatura

83 sugestões

84 espaço autor
José Saramago

87 prosas / Licença poética

88

~

mãos e manualidades_ 90

Margarida Rosario 91

~

capacitar_ 96

Aula Aberta 97

Leite, carinho
e muita linguagem
Cristina Taquelim

Biofoco

Aves Migratórias 100

~

passa a palavra_ 104

Jornadas Etnobotânicas
do Pulo do Lobo

~

sociedade recreativa_ 106

Bandas Filarmónicas 107

~

110 gastronomia e mercados

111 O ABC das plantas comestíveis,
aromáticas e medicinais
H de ... Hortelã

114 Loja da Terra

116 Na mesa
Petiscos

~

117 vá para fora cá dentro

Caminhos contados

EDITÓRIAL

AGENDA MÉRTOLA CULTURA



Rosinda Pimenta
Vereadora da Câmara Municipal de Mértola

Desenhar futuros

O futuro, aquilo que está para vir e para acontecer é também uma conjectura que pode ser calculada, especulada, teorizada, profetizada ou antecipada.

Por alturas do tempo em que escrevo este texto, o futuro, nos domínios da Cultura, profetiza-se ainda como um lugar incerto, atendendo às contínuas intermitências, a que temos assistido, por conta desta pandemia que persiste. Contudo, na Cultura (uns mais do que outros) vamos ajustando, resistindo e persistindo, sem resignação!

No percurso dos últimos tempos, a forma de pensar a programação cultural mudou, por cá, repensámos conteúdos e formatos, experimentámos palcos e conteúdos virtuais; radiámos pelo território, descentralizando a oferta, apostando em eventos de

menor concentração de públicos e maior dispersão espacial. Nos períodos de menor programação, demo-nos o tempo e o espaço para pensar e co-criar, no coletivo, caminhos de futuro e, neste processo, capacitámo-nos enquanto comunidade e território cultural.

E foi neste tempo, que por cá, germinaram e alcançaram, progressivamente, expressão projetos como o “de boca em boca”, o plano local de leitura, o arte non stop, o cineclube de Mértola, o programa de educação estética e artística ou o grupo experimental de artes performativas, recentemente criado, entre outros. Foi neste tempo que se introduziram nas AECs conteúdos como o cinema, as artes plásticas, as artes performativas ou o sublime desígnio de desafiar crianças a pensar utopias, como é o caso da AEC dinamizada pelo Filipe Abreu da Companhia Cepa Torta na EB1 da Mina de S. Domingos.

Foi neste tempo, também, que se firmaram novas parcerias com entidades como o Teatro Municipal do Porto, o Teatro Nacional D. Maria II, a Orquestra S. Fronteiras, a plataforma Gerador – Festival Interior, a Associação Boca – projeto Futurama, a Companhia Cepa Torta – projeto Malacate, a

Associação Passa ao Futuro, a Companhia Lândias de Encantar – Festival FITA ou Festival das Marias, a CIMBAL – Festival BA entre outras. Todas elas definidas e cimentadas com o claro propósito de interligar Mértola a outras geografias culturais, gerando fluxos, novas dinâmicas, culturais, processos criativos, diálogos e simbioses entre práticas culturais tradicionais e linguagens artísticas de maior contemporaneidade e urbanidade, mitigando o efeito, muitas vezes perverso, de estar na periferia. É, também, neste tempo que se assume o desígnio do apoio à produção cultural contemporânea com o financiamento a novas produções e a concretização de várias residências artísticas, partilhando com outros agentes a responsabilidade política de apoiar a criação artística, para em suma, na sequência de todas estas diligências, reivindicar para Mértola, sem pretensiosismos, e porque sim, uma nova centralidade assente na Cultura.

No futuro de 2022 o processo continua com os persistentes desafios e propósitos da literacia e mediação cultural; da formação de públicos; da programação cultural diversa e inclusiva; da fruição cultural; da criação artística; da cultura em e para a

comunidade; da salvaguarda de património e práticas culturais identitárias sem laivos de cristalização; do fomento de redes e da consolidação do desígnio político de afirmar, localmente, a Cultura como um pilar de sustentação basilar para um futuro socialmente e territorialmente mais coeso, sustentável e humanista.

Vivemos um momento civilizacional, onde a urgência da sustentabilidade, da coesão e do humanismo ganham uma dimensão global jamais vista, em virtude da insustentabilidade planetária, das enormes assimetrias geradas e da ensurdecidora inercia e alienação de tantos ao sofrimento de muitos.

Todos somos parte do problema e da resposta, o global e o local, a comunidade e a pessoa. Na dimensão da resposta, é importante destacar nas várias espacialidades e dimensões (global-local /sociedade-pessoa) que a Cultura se assume como garante de literacias e empoderamento; de consciência histórica, social, ideológica e ambiental; de pensamento livre, crítico e de atitude estética; de visões plurais de mundo; de tolerância, liberdades e garantias; de participação e cidadania plena; de direito à criação (cultural) enquanto direito

inalienável; de garante do belo, estético e lúdico; de salvaguarda e difusão de humanidade (mythos, ideologia, valores e praxis); de qualidade de vida, mas acima de tudo, como garante da qualidade de ser.

Sem esta dimensão holística da Cultura, o desenvolvimento alinha-se da vida, das comunidades e das pessoas; esvazia-se de sustentabilidade e reduz-se à condição insubsistente de crescimento (versus decrescimento). De volta às dualidades ou continuidades global-local, sociedade-pessoa, no exercício coletivo de cocriar novos futuros: a Cultura, a Cultura do Sustentável e a Cultura Sustentável possibilitam, no nosso entendimento, oportunidades para curar o planeta e a localidade, a comunidade e a pessoa. E é por isto e, tudo o mais, que a Cultura não é assessoria, mas essencial.

Para terminar, na senda das boas-festas e votos de futuros prósperos, muito próprios dos fins e inícios de ano, partilho convosco, da prerrogativa desta minha condição de mulher livre, letrada, eleita, empoderada – e inspirada pela imagem da capa – o desejo que em 2022 os papagaios de papel voltem a voar nos céus de Cabul.



DES

TAQ

UES

fu·tu·ro

Do latim futurum "aquilo que está por vir" tempo que se segue ao presente conjunto de fatos relacionados a um tempo que há de vir; destino, sorte.

Dar futuro. Maneira de dizer que uma coisa pode ser proveitosa, pode trazer vantagem.

Tempo verbal que situa a ação ou o estado num momento posterior ao momento em que se fala.

Mudar de Vida

A pandemia criou junto dos portugueses uma maior apetência por uma vida mais calma e em contacto com o campo e a natureza. Por cá, ainda que os movimentos de saída persistam, temos registado nos últimos anos à fixação de novos residentes. Gente que regressa, gente que veio para ficar a longo prazo ou, simplesmente, por um determinado período de tempo. Na rubrica Mudar de Vida fomos ao encontro dessas pessoas, saber quem são, o que motivou a mudança e o que as trouxe até Mértola.

Mitó e Vitor Lopes

Bloggers do site/blog Liked Places, Traveling and living in Portugal & Beyond

Quem são?

Olá! Somos a Mitó e o Vitor Lopes. No início dos anos 70, estes dois alfacinhas vieram ao mundo e cresceram na zona de Lisboa. Após obtermos formação em economia e gestão, fomos trabalhar para uma grande instituição bancária, onde nos viemos a conhecer.

Decidimos casar e foi a lua-de-mel que nos deu a conhecer uma das coisas que mais gostamos de fazer: viajar. Desde então, já visitámos praticamente todos os cantos de Portugal e cerca de 30 países.

Ao fim de mais de duas décadas na mesma empresa e empenhados profissionalmente nas áreas da gestão do risco e das participações financeiras, decidimos mudar de vida, simplificando-a e enveredando por novos projetos!

Porquê Mértola e o que os incentivou a essa mudança?

Há uns anos viemos a Mértola pela primeira vez e ficámos apaixonados. Foram inúmeros os países e lugares onde já estivemos, mas Mértola é diferente. Com efeito, há uma combinação de vários fatores que contribuíram para isso. O nosso primeiro impacto foi visual. O que se destacou foi a beleza natural do concelho, a paisagem que apela à tranquilidade e os inúmeros avistamentos de animais, que tanto apreciamos. Achámos mítica a Vila Velha, guardada pelo seu castelo e muralhas, com as suas múltiplas camadas de história. A proximidade do Rio Guadiana e da praia da Mina de São Domingos, que no verão tem águas mais quentes, também foram locais que nos atraíram.

Mas o mais cativante tem sido o contacto, ao longo do tempo, com as pessoas: a sua simpatia, hospitalidade e generosidade. Há uma disposição de partilhar saberes e histórias antigas, de querer conhecer quem somos e de ter

tempo para uma conversa, o que nos faz sempre sentir bem-vindos.

As nossas sucessivas visitas a Mértola mostraram-nos a qualidade de vida que os seus habitantes usufruem e foram aguçando o nosso desejo de mudança de estilo de vida.

Como temos um blog de viagens (www.likedplaces.com), o sossego em Mértola convida à escrita e ao planeamento das viagens, além de ser bom local de partida para explorar o Algarve e o Alentejo, com Espanha aqui ao lado.

Como relatam essa experiência de vida até agora?

A experiência em Mértola tem sido mesmo muito boa! É preciso estar cá para entender a qualidade de vida que aqui se tem.

O ritmo da vivência em meio rural permite ter a disponibilidade mental para usufruir da natureza, ver animais - já tivemos o privilégio de ver lincas, contemplar um céu maravilhosamente estrelado, apreciar a mudança de cada estação, sentir o agradável cheiro a esteva e sobretudo ouvir aquele belo som do silêncio!



Alguém que vem de uma grande cidade valoriza imenso o atendimento rápido e personalizado que se tem no comércio e nos serviços públicos, a inexistência de trânsito, horas de ponta e o stress daí resultante.

Outra mais-valia é a gastronomia local e a disponibilidade de alimentos de qualidade, produzidos localmente com grande frescura e sabor mais intenso. Para além do nosso blog de viagens e dado que a conjuntura não tem sido propícia para viajar, abraçámos dois outros “projetos” em Mértola. Assim, dedicámo-nos ao restauro de umas casas e ao cultivo de uma horta. Estas experiências têm sido muito positivas e ajudam-nos a manter física e mentalmente ocupados durante este período. Quando se chega a um local onde não temos origens sentimos que a nossa vida está a começar do “zero”, é o re-começar, com tudo o que isso envolve. Porém, as pessoas que nos rodeiam têm-nos ajudado muito na integração, algo pelo qual estamos imensamente gratos.

Adriana Gil

Arquiteta Paisagista,
Monitora da AEC Horta-Floresta nas
EB1 de Mértola, Técnica da Associação
Terra Sintrópica’.

Quem é a Adriana?

Quando me perguntam de onde sou nunca sei bem o que responder. Vivi em muitos lugares. Todos me deram algo que me fez sentir em casa, dando-me aquilo que procurava em cada momento. Cresci e vivi a maior parte do tempo entre Lisboa e os arredores. Estudei em Évora. Vivi em Macau. Em Estremoz. Na Ericeira. No entanto, o Alentejo tem chamado por mim e eu aceito com gosto as oportunidades que vão surgindo.

Actualmente, trabalho com a Associação Terra Sintrópica. Antes, vivi em Estremoz, com um grupo de amigos, e lá tentámos delinear as nossas vidas de uma forma mais conectada com a Natureza. A procura e a necessidade de encontrar algo mais bem estruturado acabou por me levar à Ericeira, num processo de reflexão que acabou por me trazer a Mértola. Tenho 38 anos.





O que incentivou a mudança e porquê Mértola?

A agilidade do meu percurso tem a ver com uma procura incessante e muito profunda daquilo que realmente me faz sentido. O Ambiente que me rodeia também interfere com a escolha. Antes de me mudar para Mértola soube escrever e experienciar exactamente aquilo que procurava. Mértola acabou por proporcionar a concretização desses desejos: o trabalho nos recreios das Escolas; o Viveiro de Plantas; ou os Jardins (aqui, Terapêuticos), mas, sobretudo, o afastar-me cada vez mais do trabalho exclusivamente de computador.

Como relata a experiencia vivida até agora?

A experiência vivida em Mértola, com a Associação Terra Sintrópica, tem sido muito desafiante. Venho de uma realidade de desenho de Projecto para posterior Execução. Aqui, o trabalho é directo, ou seja, tudo está a acontecer em tempo real. O tempo de planeamento é imediatamente seguido da sua concretização.

O facto de estar a concretizar aquilo em que tinha vindo a reflectir é uma sorte que não sei se calha a todos, sei que tenho de aproveitar!

A photograph of a man's torso and arms, heavily tattooed with intricate black ink designs. A large, light-brown snake is draped around his neck and shoulders. The man has a beard and mustache. The background is dark, and the lighting is dramatic, highlighting the textures of the snake's scales and the man's skin.

JÓIA 25 anos d

por Nádia Torres

e CIÊNCIA VIVA

fotografia - Jorge Branco (C.M.M)

Perante a proposta irrecusável de realizar uma jóia que representasse 25 anos do programa “Ciência Viva”, vários problemas se me levantaram. Como transmitir num objecto, em princípio pequeno e precioso, a ideia de que Ciência é também Arte, que “Ciência Viva” é algo em construção, é descoberta permanente, em comunidade, e aspira a abranger a totalidade do universo?

Conceitos e metáforas enlaçavam-se: evolução, regra de ouro, movimento; questionar, lançar hipóteses, demonstrar.

E por que razão uma jóia teria de ser um pequeno objecto?

Uma cabaça imponente oferecida por Diane Gazeau concentrava em si as ideias de natureza, de sementes, de princípio de vida, enquanto a sua forma espiralada sugeria movimento, evolução e mesmo existência cósmica - muito daquilo que a Ciência representa e contém.

Faltavam ainda aspectos essenciais: a ideia de comunicação e a própria noção de jóia, que em princípio implica trabalho de minúcia e preciosidade de materiais. Incrustações metálicas? Ocultação de algumas partes sob camadas de ouro? Por que não uma finíssima rede de prata fina, sugerindo a enorme rede de conhecimentos que nos envolvem e unem? Um pequeno anel de ouro seria a única marca de preciosidade e de aliança entre a ciência e a arte.

Ana Sangareau, exímia em crochet de fios de prata, ajudou a forrar a cabaça. O pedúnculo, cordão umbilical, foi substituído por um cone em prata. Faltava um toque final. Seria uma bola. Foi então que a Dr.ª Rosalia Vargas* sugeriu que essa bola fosse azul.

Dörte Gardíssimo, joalheira especialista em vidro, fez uma dezena de pequenas esferas de vidro azul. A escolhida é o centro da peça, o princípio de tudo, a terra onde estamos e de onde perscrutamos o infinito.

“A polinização é um serviço dos ecossistemas vital para a natureza, a agricultura e o bem-estar humano. A polinização animal é um serviço dependente da biodiversidade e suporta as populações de mais de 90% das plantas silvestres, assim como o fornecimento de alimento. Os polinizadores silvestres, em especial os insetos polinizadores, fornecem benefícios consistentes à escala global e afetam diretamente a produção de 75% das principais culturas agrícolas.”

Os abelhões, as abelhas solitárias e os sirfídeos (também conhecidos como moscas-das-flores) são os polinizadores mais prolíferos. Outros insetos como borboletas, traças, vespas e escaravelhos também são importantes. Embora a grande maioria pertença ao grupo dos insetos, existem também aves, morcegos, répteis e outros animais com esta importante missão ecológica. Na última década os polinizadores têm vindo a enfrentar muitas ameaças e muitas espécies estão em declínio ou mesmo ameaçadas de extinção. As principais ameaças aos polinizadores são as alterações no uso da terra e perda de habitat, a agricultura intensiva e o recurso a pesticidas, poluição (incluindo poluição luminosa), a presença predadora de espécies exóticas invasoras e as alterações climáticas.

Os polinizadores

O novo calendário da parceria entre o Grupo do Risco e a Estação Biológica de Mértola.

Os polinizadores precisam de locais (habitats) com comida, água e abrigo para, viver, se reproduzirem-se e prosperar. A comunidade, as organizações e cada pessoa pode levar a cabo várias ações para ajudar nestas necessidades e apoiar o bem-estar dos polinizadores. Cultivar jardins biodiversos de plantas silvestres, não cortar ervas ou podar arbustos no tempo da floração, não usar pesticidas, eletrocutores ultravioleta ou outras armadilhas para insetos são alguns dos exemplos de ações que estão ao alcance de todos.

Para alertar sobre a importância dos polinizadores e sensibilizar a comunidade para um papel mais ativo na defesa e proliferação de polinizadores, a bióloga Sónia Ferreira investigadora associada à Estação Biológica de Mértola, o grupo de ilustradores do Grupo do Risco e a equipa da Casa das Artes Mário Elias juntaram-se para criar os conteúdos do novo calendário 2022 da Estação Biológica de Mértola. O calendário está disponível de forma gratuita na Casa das Artes Mário Elias.





«O VENTRE NEGRO
DAS COISAS BELAS»

EVOCAÇÃO A MÁRIO ELIAS

A poesia de Mário Elias A voz de Celso Candeias A música de Bruno Batista

“Recordar a pessoa que foi o Mário Elias no seio da comunidade mertolense é, com toda a certeza, ocasião para sorrisos, gargalhadas, admiração e saudade! O Mário tinha sempre 2 minutos para qualquer um que estivesse disposto, ou não, a trocar ideias acerca de uma qualquer realidade plausível das coisas singelas ou da encantadora metamorfose existente na transformação dos esqueletos em pó! O seu trabalho como jornalista e artista, nas mais diversas áreas, figurou entre a fina flor da intelectualidade Lisboaeta da segunda metade do século XX, mas é em Mértola que a sua ausência é mais notada. De modo a perpetuar a sua memória e recordar a figura que foi o saudoso Mário Elias, convidamos toda a comunidade a assistir a este evento cultural que assinala os 88 anos do seu nascimento.”

22 . janeiro . 21h00

CINETEATRO MARQUE DUQUE, MÉRTOLA

Uma produção artística com o apoio da Câmara Municipal de Mértola.

Esta é uma performance poético-musical com interpretação de poemas da autoria de Mário Elias, pela voz de Celso Candeias, acompanhados por composição musical original de Bruno Batista.

Celso Candeias é natural do concelho de Mértola e sempre sentiu atração pelas artes de palco! Derivado da ausência de oportunidades, na sua juventude, foi apenas em adulto que experienciou a sensação prazerosa da representação, através da participação numa oficina de teatro! Desde então as oficinas sucederam-se e as participações em eventos artísticos tornaram-se numa realidade, dando-se assim início a uma viagem à volta do mundo das artes, agora com paragem em Mértola, para evocar o amigo Mário Elias, rumando de seguida em direção ao desconhecido...

Bruno Batista, compositor e multi-instrumentista, vive entre Lisboa e Mértola. É a partir dos 13 anos de idade que começa a sua caminhada musical. Autodidacta, fez parte de 6 formações musicais, destacando-se The Last Hymn e também Bacoustic, fundadas pelo próprio. Tem 3 discos editados e vários originais gravados. Apresenta-se a solo desde 2015, participa em diferentes projectos artísticos, é produtor e também DJ. Neste momento junta-se a Celso Candeias, num novo projecto em que a criatividade de ambos se une para evocar a poesia e a arte de Mário Elias



Promover projetos em rede com organizações, artistas e agentes culturais locais e externos. Responder aos condicionalismos da demografia negativa, promovendo a interação com geografias e espaços culturais mais densos e diversificados. Gerar e intensificar fluxos de pessoas, talentos e projetos culturais. Promover diálogos criativos entre tradição e contemporaneidade. Qualificar a oferta de programação cultural local.

PRÓXIMA → CENA

“Os Lusíadas como nunca os ouviu”

FALAÇÃO INTEGRAL DA OBRA DE LUÍS DE CAMÕES, UM PROJETO DE ANTÓNIO FONSECA

Uma produção do Teatro Nacional D. Maria II . M/12

O projeto Próxima Cena, promovido pelo Teatro Nacional D. Maria II (TNDM II) assenta a sua atividade no propósito da universalização do acesso à cultura e no desenvolvimento e valorização de públicos, em territórios de baixa densidade populacional. Na sua conceção pressupõe a itinerância por geografias culturais de menor densidade, contribuindo para acessibilidade a todos os públicos, dando preferência ao público jovem e/ou com necessidades especiais.

Com este projeto, “o TNDM II, reconhece a necessidade e importância de conferir à sua ação um alcance que deverá ir muito para além, em termos territoriais, da zona urbana da cidade de Lisboa, [onde está sediado], ou do seu perímetro metropolitano, servindo um universo de cidadãos mais alargado, corporizando deste modo a sua vocação “nacional”. O Próxima Cena acontece em Mértola, Montemor-o-Novo, Ponta Delgada, Ponte de Lima, Sever do Vouga, Tondela, Torre de Moncorvo e Vinhais.

O projeto pressupõe a criação de um espetáculo, integralmente produzido pelo TNDM II, a partir de obras integradas nos currículos escolares. Para esta temporada propõe uma releitura de Miguel Fragata do clássico de Gil Vicente, *Pranto de Maria Parda* e uma incursão de António Fonseca pel’*Os Lusíadas* de Luís de Camões.

Em Mértola acontece, em fevereiro, com a proposta “Os Lusíadas como nunca os ouviu” - Falação integral da obra de Luís de Camões, um projeto de António Fonseca.



“Verso por verso, estrofe por estrofe, episódio por episódio, canto por canto, António Fonseca guarda Os Lusíadas, na íntegra, na sua memória. Agora, o ator que se tem atirado à epopeia de Camões desde 2008, regressa à estrada com duas declinações desta premissa. Uma, dedicada ao universo escolar e apresentada nas próprias escolas, que aborda a viagem de ida dos portugueses até à Índia. Outra, dedicada ao público em geral, apresentada em espaços comunitários, como auditórios municipais ou cineteatros, e que relata a viagem de ida e de volta à terra das especiarias. Pelo meio, podem ainda ocorrer surpresas, como a presença de António Fonseca em bares, tascas ou coletividades, injetando a epopeia na vida de todos os dias.”

fotografia: João Peixoto

“Nesta epopeia, através da qual nos guiará a memória de António Fonseca, é contada uma grande história da vida, uma metáfora da nossa condição de seres históricos, em qualquer sítio, em qualquer contexto cultural, em qualquer tempo: um punhado de homens que se lançam no espaço desconhecido por razões absolutamente contraditórias. Pode imaginar-se: por ambição, por desespero, por aventura, por convicção, por necessidade, por inconsciência...”

A apresentação em Mértola acontece, de 3 a 5 de fevereiro, com sessões nas escolas dirigidas a alunos do 9º ao 12º ano, com uma tertúlia em comunidade, culminado com a apresentação geral no Cineteatro Marques Duque a 5 de fevereiro.

O BPI e a Fundação “la Caixa” são mecenas deste projeto. A apresentação do projeto Próxima Cena em Mértola resulta de um protocolo de colaboração entre o TNDM II e a Câmara Municipal de Mértola.

Os Lusíadas De Lisboa à Índia / Ida e volta

3 e 4 de fevereiro

Agrupamento de Escolas de Mértola

Público-alvo: alunos do 9º ao 12º ano

Os Lusíadas De Lisboa à Índia / Ida e volta

5 de fevereiro . 19h00

Cineteatro Marques Duque

Público-alvo: público em geral



O MALACATE é um projeto de intervenção artística na Mina de S. Domingos, que ao longo de um ano e meio convida a população do concelho e artistas portugueses e noruegueses a criar diversas obras de arte. Da Dança à Street Art, do Teatro às Artes Plásticas, os artistas foram convidados a imaginar e criar obras de arte que se relacionassem com a Mina de S. Domingos e com quem a habita. São esses habitantes quem mais nos importa. Queremos trazer novas memórias para a Mina. Imaginar vidas novas, utopias, e simples atos de loucura. Queremos partilhar isto que é o fazer artístico. E queremos que a arte possa fazer parte das vidas de quem aqui vive.

Um projeto da Companhia Cepa Torta com financiamento EEA Grants e co-financiamento da Câmara Municipal de Mértola



MALACATE

Mina de São Domingos — Mértola

www.malacate.pt

As ruínas da Mina de S. Domingos são a marca física de um povo. Tendo sido uma das mais importantes minas do país e da península (chegando a exportar para o Reino Unido 40% do cobre exigido pela crescente industrialização), a empresa inglesa que a dirigia - Mason & Barry - facultou à população um conjunto de atividades e de estilos de vida que apareciam insólitos no vasto Alentejo. Hospital, farmácia, cineteatro, banda filarmónica, um dos primeiros caminhos de ferro do país, luz elétrica, balneários com água quente, campo de futebol... E tudo isto numa aldeia. As dinâmicas dos bairros, dos bailes e festas, das tabernas e espaços de convívio, dos sindicatos e das escolas, contribuíram para uma vida sempre rápida e cheia de atividades e acontecimentos.

Mas nem tudo eram rosas. Os salários proporcionados pela Mason & Barry, apesar serem um pouco mais altos do que o trabalho no campo, não deixavam de ser miseráveis. As pequenas casas de 16m² chegavam a albergar dez ou doze pessoas. O trabalho nas minas

era exigente e perigoso e muitos viam-se obrigados a cultivar hortas à volta da tapada, a apostar na caça e a fazer contrabando para conseguir pôr comida na mesa. A Mina de S. Domingos foi explorada pelos ingleses por mais de 110 anos, mas nos anos 60 do século passado, atolada em dívidas à Segurança Social, a Mason & Barry foi à falência. Famílias que trabalhavam na Mina há 3 ou 4 gerações viram-se sem trabalho, sem sustento e a grande maioria acabou por ir viver para outras regiões: margem sul do Tejo, Algarve, França, Suíça... A comunidade mineira que ali vivera - as famílias, os vizinhos, os hábitos, as regalias, o sustento e a pertença a esta megalómana máquina industrial - foi deixada à sua própria sorte.

É essa perda de algo maior do que nós que parece caracterizar o legado da Mina. Mas a Mina não pode ser só passado. Concordamos todos que o ideal para a Mina seria não ter terminado, ou não ter sido desmantelada e esventrada para sucata. Mas essa não é uma solução razoável, muito simplesmente porque estaríamos

64 anos atrasados para a colocar em prática. O que propomos - sem esquecer o passado - é criar novas memórias e pensar sobre um futuro para a Mina, o concelho e a região. Tudo na Mina pode ser encarado como uma Galeria a Céu Aberto. As estruturas, as casas, as tapadas, as cores... Tudo isto é belo e impressionante para quem vem de fora, como nós. Mas sabemos que estas estruturas têm um peso e importância muito diferente para quem vive o legado da Mina. São preciosas e importantes de preservar. Até junho de 2023 vamos juntar-nos e, através das artes, criar novos pontos de vista, novas memórias e (esperamos) novos motivos de orgulho, para que a Mina possa ser um polo cultural na região e no país.

PS - Não nos esquecemos do resto do concelho. Todos são bem-vindos!

MALACATE?

O malacate - equipamento industrial de transdução que na Mina servia para bombear a água dos poços até à superfície - cria ligações entre o subsolo e o exterior, entre o escondido e o revelado, entre o passado e o contemporâneo e entre o real e a ficção. É esse movimento de transformação que queremos alavancar com o projeto. Quem sabe talvez até o engenho comece a funcionar por si.

CONVITE E FINANCIAMENTO

O projeto MALACATE surge da forte vontade da Câmara Municipal de Mértola em dinamizar o concelho e devolver atividade cultural à Mina de S. Domingos. Há algum tempo que a Companhia Cepa Torta tentava criar um espetáculo sobre Mértola, e por isso aceitou de bom grado o convite para imaginar um projeto para a Mina. O MALACATE é financiado pela Câmara Municipal e pelos EEA Grants. Continuamos à procura de parceiros que possam contribuir para o financiamento do projeto e partilhar a responsabilidade pela criação e fruição cultural no concelho.

EEA GRANTS

Através do Acordo sobre o Espaço Económico Europeu (EEE), a Islândia, o Liechtenstein e a Noruega são parceiros no mercado interno com os Estados-Membros da União Europeia.

Como forma de promover um contínuo e equilibrado reforço das relações económicas e comerciais, as partes do Acordo do EEE estabeleceram um Mecanismo Financeiro plurianual, conhecido como EEA Grants.

Os EEA Grants têm como objetivos reduzir as disparidades sociais e económicas na Europa e reforçar as relações bilaterais entre estes três países e os países beneficiários.

Para o período 2014-2021, foi acordada uma contribuição total de 2,8 mil milhões de euros para 15 países beneficiários. Portugal beneficiará de uma verba de 102,7 milhões de euros. Saiba mais em www.eeagrants.gov.pt

COMPANHIA CEPA TORTA

A Companhia Cepa Torta é uma plataforma artística que conta com a colaboração de diferentes profissionais das áreas do teatro e das artes plásticas e desenvolve trabalho cultural com principal incidência no concelho de Lisboa. Tem vindo nos últimos anos a evidenciar-se por alguns projetos relevantes como o festim anual de leituras de teatro, *Esta noite grita-se*, o trabalho em comunidade na Freguesia de Marvila e o espetáculo *Estudos sobre o desejo - o Barão* reconhecido com diversos prémios em 2019.

A Equipa



fotografia. Sónia Godinho

Filipe Abreu

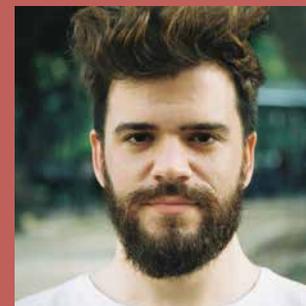
Tem o curso de Interpretação da Escola Profissional de Teatro de Cascais. Ingressou no curso de Actores da Escola Superior de Teatro e Cinema, que rapidamente trocou pelo curso de Produção de Teatro, no qual se licenciou. Trabalhou com vários encenadores e com textos de mais de 30 dramaturgos. Já fez teatro de rua, cinema, televisão e dobragens. Co-dirige com o Miguel Maia o festim de leituras de peças de teatro chamado Esta noite grita-se, da Companhia Cepa Torta. É também a par com Miguel Maia que dirige o projeto MALACATE, no qual está também responsável pela mediação e envolvimento de públicos. Vive nos Fernandes, tem um fascínio por máquinas de duas rodas, por práticas regenerativas e por caminhadas.



fotografia. Sónia Godinho

Miguel Maia

Nascido em Lisboa em 1976, é diretor artístico da Companhia Cepa Torta. Com formação inicial em engenharia, fez várias formações em teatro desde 1999, incluindo o Mestrado em Teatro e Comunidade pela ESTC (2013). Colabora em diversos projetos na área do teatro e performance, como encenador e ator. Participa em trabalhos de televisão, publicidade, dobragens e cinema. Na área do teatro e educação é de destacar o trabalho desenvolvido em contexto escolar. Um dos seus últimos espetáculos - Nunca Visto - juntava habitantes de Marvila (e as suas histórias) com atores profissionais. O seu principal foco de trabalho centra-se no trabalho dramático, na encenação e no trabalho com não-atores. Faz a co-direção artística do projeto Esta noite grita-se, de leituras de textos de teatro, com Filipe Abreu, com quem também partilha a direção do MALACATE.



João Romãozinho

Nasceu em Castelo Branco mas cresceu em Lisboa, trabalha em produção de eventos culturais desde os tempos de faculdade. Trabalhou como produtor e programador com diferentes festivais de cinema, nomeadamente o Queer Lisboa, a Monstra e o Doclisboa. Trabalhou ainda com o coletivo de teatro SillySeason na produção da curta-metragem Antígona. Apaixonado pela cultura, o seu percurso profissional inclui ainda a colaboração com a coreógrafa Marina Frangioia em projetos de comunidade e festivais de arte e música como o Festival Todos e o Rock in Rio Lisboa.



fotografia: Jorge Branco (C.M.M.)

Nádia Torres e Miguel Maia *Workshop Utópico*

15 de janeiro de 2022,
Achada do Gamo,
Mina de S. Domingos

Pintora, Ourives e Professora, Nádia Torres vive e trabalha em Mértola. É Mestre em Desenho pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (2005), é professora no Agrupamento de Escolas de Mértola, coordena residências artísticas no concelho e é Embaixadora da Educação Estética e Artística da DGE – Direção-Geral da Educação. Além de dezenas de projetos, atividades, formações e exposições - relacionadas ora com as artes, ora com a educação, ora com ambos - que desenvolveu nos últimos 30 anos, salien-

ta-se a participação nas expedições do Grupo do Risco e o contributo contínuo para a o pensamento e a experiência das artes em Mértola e no Baixo Alentejo. Em conjunto com Miguel Maia irão provocar os participantes a imaginar além das ruínas e do real, em busca de utopias e sonhos para a Mina de S. Domingos. "E se tudo fosse possível?"



fotografia: Sónia Godinho

Sónia Godinho *Residência Artística - Visões*

janeiro a março de 2022:
escola primária da Mina de S. Domingos.

abril de 2022: período de criação, fotografia e montagem.

Inauguração da exposição permanente: 30 de abril de 2022, nas ruínas da Mina de S. Domingos.

Fotógrafa nascida em Lisboa, em 1972. Tem formações pontuais em áreas da fotografia que mais lhe despertam a curiosidade, nas quais se incluem fotografia de cena, música e retrato. Pertence desde 2016 à Companhia Cepa Torta - Plataforma de Artistas, onde colabora em diversos projetos, nomeadamente na criação dos

registos fotográficos dos espectáculos e nos projetos pedagógicos desenvolvidos em ambiente escolar pela Companhia.

Para o projecto Malacate, propõe a exploração de realidades alternativas às ruínas da Mina de S. Domingos pelos estudantes do primeiro ciclo da escola local, recorrendo aos seus imaginários e anseios, onde a paisagem em ruínas é o ponto de partida. A partir desse inventário de visões e das imagens fotográficas criadas pela fotógrafa com elementos da comunidade, serão instaladas estruturas à escala humana que habitarão de forma original o antigo complexo mineiro em ruínas.



fotografia. Virmajuur

Lise Wulff
Residência Artística
- Old Space, New Volume

1ª residência:

6 a 11 de novembro de
2021

2ª residência:

21 de março a 3 de abril
2022

Lise Wulff é uma reconhecida artista plástica norueguesa. Acostumada a trabalhar internacionalmente em projetos de comunitários, Lise procura cruzar as artes e a cultura com o meio ambiente e a natureza que a rodeia, resultando em técnicas e formas artísticas que vão da pintura, à escultura e à arte na paisagem, até projetos de larga escala. Procura tornar visível a interconexão entre o Homem e a Natureza. Na Mina de S. Domingos, a proposta é a criação de uma instalação artística na zona

das ruínas, em que se explora o encontro da natureza com o património edificado. Com o apoio de várias instituições (Vidas Com Garra, Universidade Sénior, Ass. de Reformados da Mina de S. Domingos) e da vontade de quem as compõe, o projeto é desenvolvido com a comunidade ao longo de 3 residências e inaugurado no dia 26 de Março.



fotografia. Rita Sales

de boca em boca

Histórias
a nutrir
comunidades

Projecto cultural e artístico de reactivação do contar em comunidade, iniciado no Concelho de Mértola em 2020 por Rita Sales e Pedro Bravo, com a colaboração de Rossana Torres da Associação Entre Imagem.

"Entendendo a arte e a cultura como bens essenciais levamos histórias e contos às portas, às ruas e aos largos das populações mais isoladas. Desenvolvemos ações de recolha, pesquisa, partilha, formação, experimentação, criação e apresentação pública, tendo como base o património oral do Concelho, com o intuito de contribuir para alimentar o desejo de convívio, de escuta e de criação em conjunto."

Agenda de boca em boca

Hoje há contos outra vez?

De Boca em Boca regressa aos locais aonde já esteve para escutar pessoas já identificadas como conhecedores de histórias. O objectivo é continuar a dinamização cultural nas aldeias e montes, a contar e a recolher, escutando melhor e fazendo gravações e fotografias. O contacto será à porta e na rua. Da experiência dos Contos ao Largo realizada em 2020 identificámos 24 localidades onde há pessoas para voltar a escutar. A acontecer num largo perto de si!

Caminhos Contados

percursos pedestres performativos

Caminhos Contados faz um convite à viagem e descoberta do concelho de Mértola partindo de percursos performativos guiados por Pedro Faria Bravo, guia local, e Rita Sales, actriz, com apresentações previstas entre Janeiro e Maio de 2022.

6 de Fevereiro << Vargens,
20 de Fevereiro << Mesquita
6 de Março << Santana
20 Março << Corte da Velha

Terra que Conta

Rádio Mértola – 95.0 fm ou 95.2 fm – www.radiomertola.pt
Terça-feira, depois das 18h45
Quinta-feira, depois das 18h45
Repete às Quartas e Sextas, por volta das 10h30

Rádio Castrense – 93.0 fm – www.radiocastrense.pt/live
Sexta-feira entre as 17h00 e as 18h00
Repete ao Sábado entre as 15h00 e as 16h00

Terra que Conta é um programa de rádio e *podcast* que deriva de uma celebração da escuta de histórias de Mértola, das suas gentes e território. Cada programa apresenta um percurso de escuta de um lugar, dando voz à paisagem, reforçando a sua riqueza e valor. Dirigimo-nos aos e às ouvintes locais, cujas vozes escutamos nos programas, tornando audível a importância desta cultura, através do exercício da construção de narrativas positivas sobre o território que habitam.

Concebido por Pedro Faria Bravo, apicultor, guia local e escritor e Rita Sales, artista, educadora e contadora de histórias, Terra que Conta é realizado em parceria com a Universidade Sénior de Mértola e Câmara Municipal de Mértola, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.



podcast em <https://debocaemboca-mertola.com/podcasts-e-audio/>

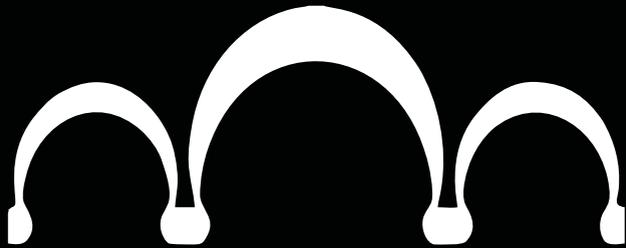




6ª edição
5 **Trail** **hos**
março **DE MÉRTOLA**
2022 **TRAIL RUN**

informações luisruas@cm-mertola.pt





CINETEATRO
MARQUES DUQUE

GRUPO COMUNITÁRIO DE ARTES PERFORMATIVAS

Teatro | Movimento | Voz | Artes Circenses | Performance

Aberto à participação de todos e todas que tenham curiosidade e gostem de fazer teatro, dançar e cantar.

3^{as} feiras, 5^{as} feiras das 18h30 às 20h30

Cineteatro Marques Duque

Acesso gratuito

facilitação: Rita Sales com a colaboração de Celina da Piedade, Flow Pizana, outros e outras.

Iniciativa integrada no programa de mediação cultural [artes performativas] da Câmara Municipal de Mértola.

OFICINAS DO CINETEATRO

Lugares Sonoros | Gravações Sonoras de Campo
com Luís Antero

26 e 27 de fevereiro

[limite de 10 participações].

Informações e inscrições: cineteatromd@cm-mertola.pt



lembrar
Serrão Martins

19 a 25 de Março
conferência . tertúlias . cinema . música

residências

foi assim...

DO ABERTO AO ABISMO DO ABISMO AO ABERTO

abababab

PROJECTOS DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA PARTICIPATIVA & TRANSDISCIPLINAR: OS ATELIERS DE MÉRTOLA

Tendo como fundo temático orientador a experiência sensível – corporal/ mental/ cultural o projecto abababab desenvolveu em Mértola, entre julho e setembro, três ateliers artísticos abertos à população. O ponto de partida foi a Casa das Artes Mário Elias. Traçaram-se estratégias de experimentação em áreas tão diversas como a exploração do som em harmonia com o desenho, a colagem e o corpo; a dança e os processos fotográficos; a escultura, o meio ambiente, o desenho e novamente o corpo e por fim a atenção plena para a escrita criativa e a performance.

Estes ateliers tiveram a colaboração da Câmara Municipal de Mértola e contaram com a presença de Ana Nobre, artista multimédia e performer; André Birken artista plástico, de som e realizador; Joana Brito, escultora e educadora artística e Carlos Godinho artista multimédia, historiador, músico e activista.



EM ANDAMENTO (WORK IN PROGRESS)



A ALMA E O CAOS

um filme de
Miguel Seabra Lopes
e **Karen Akerman**

A alma e o caos
é uma curta-metragem
de 20 minutos
filmada em 16 mm.

CASTING PARA FILME
RAPARIGAS ENTRE 8 e 12 ANOS
[apenas com autorização do
adulto responsável
tlm: +351 910 166 240
email: migkafilmes@gmail.com

A proposta aborda problemáticas como a aleatoriedade da guerra, destruição, abandono familiar, falta de recursos, agro-intoxicação, propriedade privada, precariedade social território, morte.

O tema central do filme é a amizade, a potência que tal sentimento é capaz de gerar entre duas pessoas desconhecidas que não falam a mesma língua. No caso, duas crianças.

Como nos trabalhos anteriores dos realizadores, a visão de mundo apresentada é inerente ao próprio filme, uma construção cinematográfica que inclui imagens síntese, paisagens simbólicas, elementos metalinguísticos, atos surrealistas.

O objetivo é atingir, por um subtil entrelaçamento do ficcional com o real, uma experiência fílmica onde narrativa, linguagem, consciência sociopolítica, e liberdade de expressão, coexistam.

A rodagem decorrerá integralmente em paisagens situadas no concelho de Mértola e será representado por duas pessoas [actrizes] habitantes no concelho - no caso, duas raparigas de aproximadamente 10 anos.

Os realizadores Miguel Seabra e Karen Akerman residem em Mértola com a família desde junho de 2021.

Esta é uma produção da TERRATREME Filmes, com o apoio à produção cultural da Câmara Municipal de Mértola.



TE

AT

RO

CINEMA

Image of 1934 edition of Four Little Kittens.

Porque há vidas que davam filmes; e filmes que marcam vidas.

Miguel Seabra Lopes



Nasci em Lisboa. Lá passei parte da minha existência. Vivi noutros lugares - Macau, Rio de Janeiro, São Paulo, Montevideo. Também passei temporadas mais ou menos longas em Amã, Mindelo, S. Miguel [Açores]. Agora estou em Mértola.

A relação com o cinema vem de pequeno. A minha mãe trabalhava em produção, levava-me para as filmagens. Fiz pequenos papéis, muita figuração. Depois, tentei um pouco de tudo. Tomei conta de figuração, fui assistente de realização, anotador, fiz produção, casting. Também som directo, câmara, decoração, montagem, voz off. Simultaneamente, frequentei um bocado de workshops [memorável colaboração com Dušan Makavejev no Festival de Avanca] e a Escola Superior de Teatro e Cinema.

A obsessão por cinema levou-me a níveis extremos de cinefilia - assistia a 4 filmes ou mais por dia, anos enfiado em festivais e mostras de cinema e na Cinemateca Portuguesa, uma coleção insuportável de VHS [quando gravava da televisão, tirava os intervalos, para ver sem interrupções].

Realizei a primeira curta em 1999 com restos 35mm de uma longa do Manuel Mozos e a ajuda de amigos e familiares. O meu espanto quando a vi exibida em Vila do Conde e em Locarno, com direito a crítica no Público e Expresso. Na época havia escassez de filmes, está explicada a visibilidade.

Entretanto fiz mais, em diferentes suportes [35, 16, super8, analógico, digital] e diferentes abordagens [documentário, ficção, experimental]. Desde 2010, todos os filmes foram escritos, realizados e montados em parceria com Karen Akerman, com quem partilho criação e o que mais houver.

Informações sobre os filmes em <http://cargocollective.com/migka>

Em anos recentes, tenho estado dedicado à escrita de argumentos, tanto próprios como de outros. Algumas parcerias levaram-me para realidades longínquas, providenciando processos inesquecíveis e de profundo enriquecimento.

Em 2020, por conta do confinamento, passei a desenvolver um trabalho de colagem artesanal, onde encontrei uma liberdade de expressão e autonomia capazes de salvar uma vida.

Pode ser vista em <https://trombazero.wixsite.com/cortagens>

OS FILMES DA MINHA VIDA

Vi filmes demais, amei e amo filmes demais, sinto-me desqualificado para destacar 2 ou 3 da lista vastíssima de possíveis filmes da minha vida. Ao refletir naqueles fundamentais na minha formação, relembro filmes em que participei e nos quais pude transcender a objetividade do trabalho para constituir uma experiência subjetiva. Os três que descrevo são incursões totalmente distintas a nível de produção, realização, ambiente, resultado final, duração.

Destruição de uma casa-de-banho

[2003, vídeo, 46min], de André Dias

Sinopse: Uma mulher velha que trabalha a terra encontra-se na casa-de-banho de sua casa. A morte é-lhe anunciada por um ardor frio. A mulher velha contorce-se e desenvolve manobras de destruição da casa-de-banho. Depois procura um canto por entre os escombros e morre.

No final de 2002, André convidou-me para colaborar na produção, assistência de realização, captação de som, decoração e, posteriormente, na montagem. A lista inicial de demandas era curta: uma mulher; uma casa-de-banho. A mulher, descrita como velha, não trazia biografia. A melhor definição seria: quando aparecer, reconhecemo-la. Não às cegas. Já sabíamos, pelo argumento, dos seus gestos, movimentos, percurso interior e exterior. Todas as atrizes e figurantes foram vistas, mas nenhuma se aproximava do perfil. Finalmente, um pouco desesperados, fomos de anúncio em jornais populares. Obtivemos poucas respostas. Uma delas, de Eugénia. Sou incapaz de imaginar alguém dife-

rente para o filme. Era ela, não poderia ser outra. A casa-de-banho também não foi fácil. Quando ligava para os lugares e referia o nome da produtora [a extinta Raiva] e o título do filme, desligavam bruscamente o telefone. Tivemos que mudar a estratégia. Dizíamos produtora independente e curta-metragem, sem revelar o nome. Quando perguntavam o que acontecia no filme, vagueávamos em reticências.

Prevista para uma semana, a filmagem prolongou-se quase um mês. Éramos 4 enfiados na casa-de-banho [a casa era enorme, repleta de divisões amplas, mas a filmagem permaneceu circunscrita]: Eugénia no centro da ação, André com a câmara tensamente fixa nas mãos, Ana [Eli-seu] e eu a darmos conta do resto. Foi um processo indescritível, radicalmente distinto de qualquer outro que conheça, uma prova de resistência psicossomática, caminhada descendente até ao âmago das coisas, de nós próprios. A tensão era tanta que se via, um sentimento constante de desequilíbrio, de desgaste emocional, um ritual onde a ressuscitação dos elementos exigia antes a sua morte, a morte de todos nós. E isso antes de destruir fisicamente a casa-de-banho. Quando os objetos começaram a voar, a estilhaçar, agregou-se ao psicológico, o perigo do corpo. A queda de uma enorme portada quase acabou connosco. O chão coberto de vidro onde Eugénia se arrastava, vezes sem conta. Etc. Muitos etc. Na época fiquei perturbado, demorei anos para assimilar. Hoje sei da sua monumental influência - mudou a

minha perspetiva de criação e produção. Mesmo agora sou incapaz de especificar, a rigor, o que ali vivemos. Talvez o desejo de Herberto Helder - "procuro dizer como tudo é outra coisa."

Após demorado processo de montagem [nem saberia por onde começar ou o que contar], terminámos o filme. A primeira exibição, uma das raríssimas, foi na Cinemateca Portuguesa. Gente amiga, familiares, colegas, outros. Nos primeiros minutos, a emblemática visão da casa-de-banho coberta de terra, com Eugénia a cavar, deve ter levado o público a acreditar que estava perante um objeto simbólico, sei lá, algo "poético". Mas o que se seguiu, nos 40 minutos seguintes, revelava uma mulher em processo de destruição e morte, encerrada num espaço desolador e frio, em que a solidão possuía algo de privado, impróprio para ser partilhado, visto. Durante a projeção, as flores que a filha de Eugénia trouxe para a estreia da mãe como atriz, murcharam-lhe nas mãos aterrorizadas. Nem todos chegaram ao fim. Os resistentes dividiram-se: havia gente indignada, havia gente extasiada. Pessoalmente, tenho Destruição de uma casa-de-banho como o mais original filme nacional de todos os tempos, sem dúvida o mais experimental a nível das emoções, e gostaria muito de o rever. Infelizmente, não é possível. André prefere que não seja visto. Talvez saiba que [ainda] não estamos prontos para ele.



Lisboa-província

[2010, 35mm, 18min], de Susana Nobre

Sinopse: Maria do Céu é enfermeira há mais de quarenta anos num antigo hospital de Lisboa dedicado ao cuidado de doentes com cancro. Veio de uma aldeia no Alentejo com dezasseis anos para Lisboa. No hospital, lê o processo de uma doente falecida, sua amiga. O processo é depositado no arquivo. Maria do Céu retorna ao Alentejo, onde canta no coro da casa do povo da terra onde nasceu.

Lisboa-província é um filme pessoal, contado de memória, onde as imagens parecem brotar do reconhecimento. Estruturado em elipses vincadas [fenomenais elipses], leva-nos a vivenciar cada acontecimento numa impressionante lógica de que tudo é igualmente importante: um gesto, uma paisagem, um ângulo, uma voz. O ritmo de suavidade em que se desenvolve, muito por conta do ritmo interno das imagens, revela atenção às coisas, cuidado, deixa-as ser e acontecer, até que, sem sabermos exatamente como, estamos metidos nelas.

Assim é com o filme, assim foi com o processo. Susana chamou-nos para dentro do seu universo, dos seus lugares, para junto das suas pessoas. Veja-se o elenco - a mãe como protagonista, ela própria, as sobrinhas, os primos, os amigos e a vizinhança de Garvão, nós da equipa - ou veja-se os décors - o hospital onde a mãe trabalhou 40 anos, a casinfância de Garvão, as ruas, o largo da igreja. Colaborei como assistente de realização, o que nos fazia sentido, a minha amizade com Susana era antiga, conhecia a família, os espaços, os filmes anteriores, a sua visão de mundo.

A preparação desenvolveu-se em espírito coletivo, como se equipa técnica e artística formassem uma pequena cooperativa. Em Lisboa, com locais de filmagem sensíveis [Instituto Português de Oncologia], desenvolvemos um trabalho de extremada sensibilidade, circulação silenciosa e limitada. Quando partimos para Garvão mudámos a chave. Visitávamos os locais de filmagem a pé, conversávamos longamente entre nós e com a gente local, assimilávamos as idiosincrasias da região. Lembro-me

vivamente dos elementos a surgirem com naturalidade, as informações recolhidas a serem agregadas, a simbiose entre trabalho e vida, entre real e ficção. As flores na cena do enterro vieram dos campos, o caixão talhado à mão foi emprestado pelo dono do café [temos ideia que o guardava para si], o cozido de grão que abre o filme foi cozinhado in loco por Maria do Céu [protagonista], as pessoas representavam-se a si-mesmas...

Após filmarmos a cena do funeral, que contou com a participação de 38 pessoas e um cão, produzimos um almoço comunitário. Foi quando sentimos que a narrativa era contínua, que se prolongava para fora de campo, no além campo. Essa forma de abordar o cinema, em que o industrial é substituído pelo artesanal, está em todos os detalhes do filme, uma genuína informalidade, um ritmo de olhar as coisas como são, uma imprevista delicadeza na abordagem de temas áridos como doença e desaparecimento. É belíssimo e comovente, absolutamente familiar, tão particular que se enche de universalidade.



Talvez deserto talvez universo

[2010, 35mm, 18min], de Susana Nobre

Sinopse: A Unidade de Internamento de Psiquiatria Forense é uma estrutura de regime fechado, de segurança média, com vertente reabilitadora. Presta acompanhamento psiquiátrico, psicológico, médico, terapêutico e social. Os homens que a habitam foram considerados inimputáveis pelo tribunal. Sentem o tempo passar, lento. É neste tempo individual que o filme se instala.

Em 2009 realizei um documentário para televisão no Hospital Júlio de Matos sobre terapias referentes a Doenças da Cognição. A diretora do hospital, após ver o filme, perguntou se gostaríamos de fazer outros. Visitei alguns pavilhões. Um deles, uma espécie de hospital-prisão para homens considerados inimputáveis, marcou-me teimosamente. Andava em busca de uma experiência fora-de-mim, de um abalo sísmico, o lugar parecia indicado. Pela reação, senti que era aconselhável escolher outro, apesar disso, revelando uma abertura surpreendente, a diretora do hospital cedeu a autorização. O financiamento demorou dois anos. Quando voltei, a Unidade tinha sido transferida para um novo pavilhão, moderno, arejado e luminoso. Fiquei aliviado. O pavilhão originalmente visitado continha um espírito soturno de sanatório que acabaria por se tornar um comentário.

Na primeira reunião, o médico-chefe alertou que, devido à carga de trabalho, pouco tempo teriam

para dedicar ao filme. Basicamente, deixariam-me por minha conta. Poderia aceder livremente a qualquer espaço e atividade, excepto às consultas psiquiátricas. Em seguida, organizamos uma conversa com todos os internos e pessoal técnico, para apresentar as intenções do filme, e compreender quem estaria disposto a participar. Quando perguntados, todos, sem excepção, responderam que se recusavam a ser filmados. Saí de lá envolto em desespero. E agora?

Por questões de logística e aproximação, decidimos que eu iria sozinho [fiz câmara e som], Karen ficaria a trabalhar no material recolhido. Esta distinção revelou-se fundamental. Quantas vezes perdi o discernimento, o foco, engolido por relações sentimentais emergentes da intensa convivência. Incansável, Karen guiou-me, indicando a direção que deveria tomar, quem era personagem e quem era relação pessoal. Mas isso foi depois. Antes, quando ninguém se deixava filmar, dirigia-me diariamente à Unidade, apontava a câmara para as árvores, para os aviões, para espaços vazios, para corpos de costas e ao longe. Um dia, inesperadamente, os internos [eram 32 mas apenas 15 cederam direitos de imagem] começaram a posicionar-se em quadro, a deixar-se filmar.

A filmagem durou 3 meses. Só ia durante a semana, os fins de semana eram de uma desolação que não pude suportar, ninguém saía da cama. Sabia que maior parte dos homens estava ali por crimes considerados hediondos, alguns mortais, mas não sabia quem tinha feito o quê.

Como desconhecia as biografias, cada um me contou o que quis, assumi suas narrativas como verdadeiras. Mais tarde, confrontado com informações cedidas pela Terapeuta Ocupacional [meu anjo protetor durante as filmagens], Assistente Social, Psiquiatras e Psicólogas, compreendi que parte do que tinha ouvido provinha de delírios, de reinterpretação. Claro que alguns níveis de paranoia eram tão agudos que se tornavam óbvios. Mas em geral, deixei-me levar, sem confrontar ou duvidar. Talvez tenha sido isso, além da persistência e dos cigarros, que permitiram ser aceite.

Vivenciei momentos de alta intensidade e também longos períodos de solidão. Fre-

quentemente, ficava por ali quieto, a câmara ligada, a olhar o vazio. Na verdade, as narrativas que ia ouvindo, povoavam obsessivamente os meus pensamentos, tornavam-me permeável ao sofrimento que a doença mental provocava na alma e corpos daqueles homens. Angustiante saber que maior parte, talvez todos, irão permanecer ali até ao fim da vida - um deles estava internado há 40 anos.

Relembro três episódios. No dia 23 de Dezembro, último dia de filmagem, fui despedir-me de um interno, que além de doença mental sofria de Tourette. Estava no banho. Gritei um adeus. Ele surgiu, nu e encharcado, abraçou-me intensa e longa-

mente. Fiquei ali a pingar, metido num sorriso entre a comoção e o divertimento. Outro. Um interno, que não se deixou filmar, ofereceu um milhão de euros para o meu próximo projeto. Aparentemente, tinha obtido o dinheiro com a patente filosófica [não tenho a certeza se era exatamente assim] "o oposto do contrário". Para finalizar, um apontamento sobre a recepção do filme. Quando estreou no DocLisboa, foi tomado como angustiante e, de certa forma, pesado. Mas quando o mostrei aos internos, mal terminou, um deles exclamou: Ah, é uma grande comédia! Esta demarcada contradição leva-me a concluir que a realidade é mutante, sobra-nos o ponto-de-vista, a leitura que dela fazemos.





Cinema Zúlgor

Helena Inverno, Rossana Torres e Sílvia das Fadas



Raízes Móveis

O CINEMA FULGOR é um cinema com raízes móveis, itinerante pela constelação espacial do Baixo Alentejo. Cinema composto e semente, pretende participar na construção de uma ruralidade viva e autónoma, convocar e nutrir as diversas e dispersas comunidades, propondo o cinema enquanto experiência comunal e ecológica.

O CINEMA FULGOR é cíclico como as estações: as suas sessões são mensais e provêm de uma vasta cinegeografia e temporalidade. Quando e onde menos se espera, brotam as mais espontâneas e singulares PROJEÇÕES BRAVIAS, com filmes e vídeos experimentais.

Insubmisso e oracular, o CINEMA FULGOR não está circunstrito à sala de projecção. Pode acontecer na floresta, na planície, nas margens de um rio, em minas, praças, silos e adegas, numa pluralidade de espaços de hospitalidade.

Ao cultivar as artes visuais e sonoras, o CINEMA FULGOR deseja constituir uma prática experimental da micropolítica, em contínua e ressoante metamorfose, em risco de des-posseção.

Os seus trilhos e projecções partem do sudeste alentejano (Mértola), atravessando o centro do Alentejo (Ferreira do Alentejo), expandindo-se até ao litoral (São Luís / Odemira). Luz inter-regional. O CINEMA FULGOR vem atenuar a escassez e a sede de cinema num território maioritariamente rural e assimétrico, dando a ver e a conhecer uma cultura cinematográfica viva, pondo par a par o histórico e o contemporâneo, o académico e o vernacular, numa diversidade de autores e de géneros cinematográficos; o CINEMA FULGOR pretende criar espectadores de cinema e modos de ver, germinar curiosidade estética e intelectual, iniciar discussões e instigar uma cultura de debate e pensamento crítico no contexto cultural do Baixo Alentejo. O CINEMA FULGOR mostra, sempre que possível, os filmes no seu formato original (película em película, digital em digital), com legendas e tradução sussurrada para as pessoas analfabetas. No futuro o CINEMA FULGOR incentivará a investigação artística, através de cruzamentos interdisciplinares, com conversas e oficinas, leituras de poesia, performances, instalações, refeições partilhadas, caminhadas, folhas de sala e cadernos de campo.

Desejamos envolver as comunidades na preparação, divulgação e execução das sessões de cinema, co-criando uma experiência horizontal e inclusiva. Sabemos que por causa de e apesar do tão prenunciado despovoamento, e do ecocídio perpetrado pela agroindústria extractivista, o

tecido social está em crescente mutação, compreendendo e emaranhando rurais e neo-rurais, estrangeiros, e emigrantes. Gostaríamos que as sessões do CINEMA FULGOR fossem uma ferramenta para a convivencialidade.

O CINEMA FULGOR iniciou-se com o ciclo de cinema Augúrios para o Rural, dirigido a todos os públicos, e dedicado à reflexão sobre uma ruralidade viva nas suas múltiplas formas e vivências alternativas. Como é que o cinema tem retratado a agricultura e os modos de vida campesinos, a exploração perpetrada pelos terratenentes, as lutas dos sem terra, a industrialização e a mercantilização da agricultura, o êxodo rural, a perda de saberes ancestrais e de biodiversidade, a transmissão da memória colectiva e o regresso ao campo? Quais as potencialidades de uma eco-interseccionalidade feminista que questione narrativas patriarcais e coloniais, e ao mesmo tempo invoque uma eco-solidariedade entre todos os seres, incluindo não-humanos? Vamos ao cinema, iremos ver. Nos primeiros três meses programámos filmes de Manuela Serra, Naomi Uman, Pauline Boudry e Renate Lorenz, Lizzie Borden, Ana Vaz, e Camila Freitas. Outros virão.

A programação do CINEMA FULGOR é desenhada pela cineasta e investigadora Sílvia das Fadas, e a coordenação da sua produção é mantida pelas cineastas e mediadoras culturais Rossana Torres e Helena Inverno, da Associação Cultural Entre

Imagem. Uma vez por mês espalhamos cartazes pelas ruas, partilhamos a programação boca a boca, actualizamos a nossa página na internet e a conta de instagram. O cinema faz parte das nossas vidas, nós que vivíamos em cidades e centros de abundância cultural, frequentámos cinematecas e museus do cinema, e fizemos parte de festivais, cineclubes, galerias de arte e micro-cinemas. Escolhemos viver no mundo rural, reconhecendo a história que nos antecede de cinemas ambulantes, cineclubes e cineteatros com programação regular, mas verificamos que aqui o cinema enquanto experiência colectiva já quase não existe, já não faz parte da vida das comunidades. Não nos conformamos. Queremos continuar a ver cinema e a retribuir a sua oferta, a pensar o cinema através do cinema, a encontrar e a engendrar mundos, colectivamente.

Notas biográficas:

Sílvia das Fadas é cineasta, investigadora convivial e professora baseada no sul de Portugal. Detém um MFA em Filme e Vídeo pela CalArts (EUA), foi artista residente na Akademie Schloss Solitude (Alemanha) em 2019, e investigadora visitante no Center for Place Culture and Politics, CUNY, em 2020. É doutoranda no programa de Doutoramento em Prática na Academia de Belas Artes de Viena (Áustria), com o apoio de uma bolsa de doutoramento da FCT. Interessa-se pelas políticas intrínsecas às práticas cinematográficas e pelo cinema enquanto experiência colectiva e expandida.

Helena Inverno é cineasta, artista visual, produtora de cinema independente e comissária do Festival Giacometti. Graduada pela emblemática School of Arts & Design, Central Saint Martins, University of the Arts London, Helena Inverno cedo viu as suas obras circularem em galerias de arte, museus e festivais, tendo sido premiada na Suíça, Canadá e em Portugal.

Rossana Torres é cineasta, formadora em cinema, mediadora cultural e directora da Associação Cultural Entre Imagem, sediada em Mértola. A sua filmografia inclui o documentário Terra, que recebeu o Prémio Melhor Filme Nacional no Festival Internacional DocLisboa 2018, O Sabor do Leite Creme, e Cordão Verde, estreados respectivamente no DocLisboa 2012 e no 62º Festival Internacional de Cinema de Locarno, e ambos com longos percursos internacionais.

Programação Cinema



Matrix resurrections

14 de jan. 21h00

Cineteatro Marques Duque

Gênero: Ficção Científica

Realizador: Lana Wachowski

Ano: 2021

Classificação: M\14



Cantar II

23 de jan. 16h00

Cineteatro Marques Duque

Gênero: Animação, Comédia

Realizador: Garth Jennings

Ano: 2021

Classificação: M\6



Mães paralelas

28 de jan. 21h00

Cineteatro Marques Duque

Gênero: Drama

Realizador: Pedro Almodóvar

Ano: 2021

Classificação: M\12



O meu querido monstro

30 de jan. 16h00

Cineteatro Marques Duque

Gênero: Animação, comédia

Realizador: Viktor Glukhushin e

Maxim Volkov

Ano: 2021

Classificação: M\6



O último duelo

11 de fev. 21h00

Cineteatro Marques Duque

Gênero: Drama

Realizador: Ridley Scott

Ano: 2021

Classificação: M\16



Cães do artico - uma aventura no gelo

13 de fev. 16h00

Cineteatro Marques Duque

Gênero: Animação, comédia

Realizador: Aaron Woodley

Ano: 2019

Classificação: M\6



Anette
 25 de fev. 21h00
 Cineteatro Marques Duque
 Gênero: Drama, musical
 Realizador: Léos Carax
 Ano: 2021
 Classificação: M\14

Encanto
 27 de fev. 16h00
 Cineteatro Marques Duque
 Gênero: Animação, comédia
 Realizador: Jared Bush,
 Byron Howard
 Ano: 2021
 Classificação: M\6

A filha perdida
 11 de mar. 21h00
 Cineteatro Marques Duque
 Gênero: Drama
 Realizador: Maggie Gyllenhaal
 Ano: 2021
 Classificação: M\12

A família addams 2
 20 de mar. 16h00
 Cineteatro Marques Duque
 Gênero: Animação, comédia
 Realizador: Holger Tappe
 Ano: 2021
 Classificação: M\6

Batman
 25 de mar. 21h00
 Cineteatro Marques Duque
 Gênero: Drama, Ação
 Realizador: Matt Reeves
 Ano: 2022
 Classificação: M\16

Um susto de família 2
 27 de mar. 16h00
 Cineteatro Marques Duque
 Gênero: Animação, comédia
 Realizador: Holgger Tappe
 Ano: 2021
 Classificação: M\6

Programação Teatro

***O Ventre Negro das Coisas Belas,
evocação a Mário Elias***

Por Celso Candeias e Bruno Batista

22 de jan. 21h00

Cineteatro Marques Duque



Os Lusíadas

De Lisboa à Índia / Ida e volta

Uma produção Teatro Nacional D. Maria II
no âmbito do projeto Próxima Cena
3 e 4 de fev.

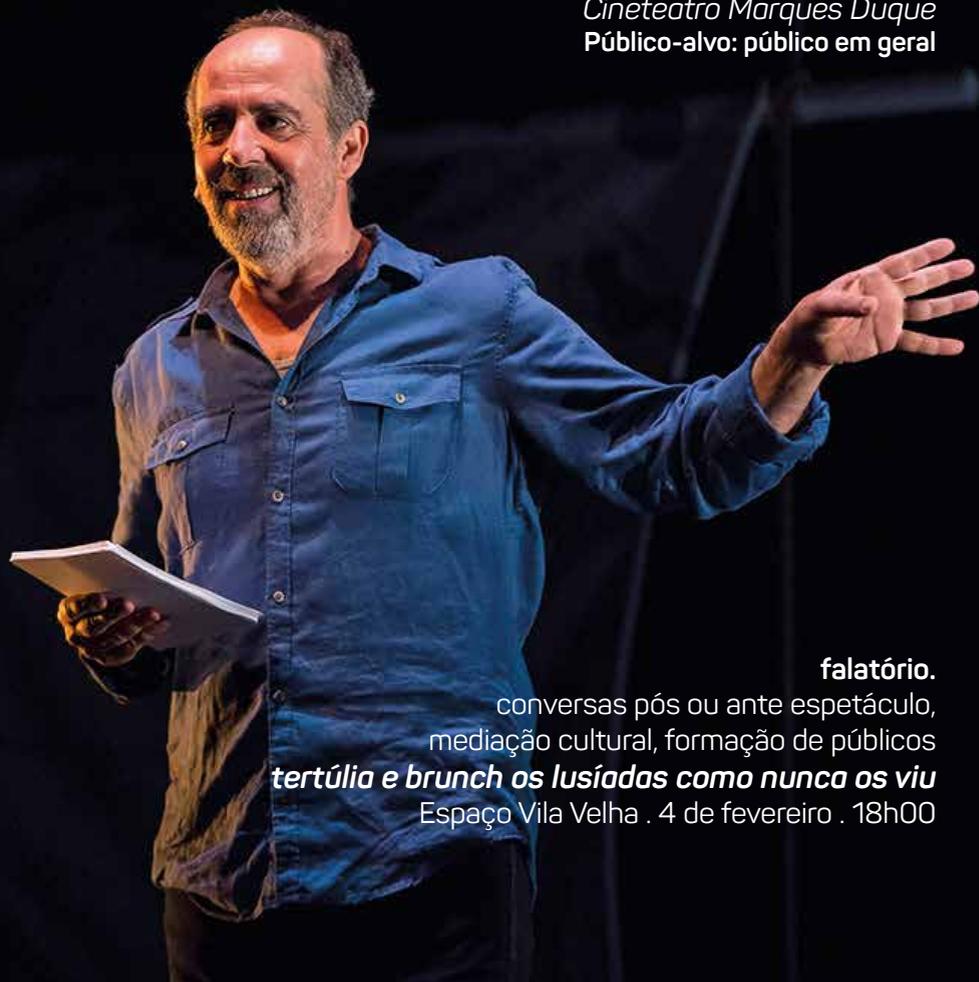
Agrupamento de Escolas de Mértola
Público-alvo: alunos do 9º ao 12º ano

Os Lusíadas

De Lisboa à Índia / Ida e volta

Uma produção Teatro Nacional D. Maria II
no âmbito do projeto Próxima Cena
5 de fev. 19h00

Cineteatro Marques Duque
Público-alvo: público em geral



falatório.

conversas pós ou ante espetáculo,
mediação cultural, formação de públicos

tertúlia e brunch os lusíadas como nunca os viu

Espaço Vila Velha . 4 de fevereiro . 18h00

Os Lusíadas – de Lisboa à Índia / Ida e Volta, é um espetáculo/conversa que integra partes significativas da obra de Camões. Esta proposta, tem sido apresentada, em partes ou na totalidade, em teatros, escolas, associações, bibliotecas, tascas e outros locais de convívio e cultura, pelo que, para além de uma apresentação formal, num espaço teatral, António Fonseca pode também surpreender a população com a poesia de Camões em locais quotidianos e inesperados.

A viagem de ida e volta pode integrar o Consílio dos Deuses, a chegada à Ilha de Moçambique, a intriga de Baco, disfarçado de velho mouro, a chegada a Mombaça e as reflexões do poeta sobre a fragilidade da vida – canto I; a ação de Vénus e das Ninfas na barra de Mombaça para impedir que a frota entre no porto, o espanto de Vasco da Gama, a visita de Vénus a Júpiter e as queixas que apresenta, a visita, em sonhos de Mercúrio a Vasco da Gama e a chegada a Melinde – canto II; a batalha de Ourique e o amores de Pedro e Inês, de Fernando e Leonor e as reflexões de Camões – canto III; o discurso de Nun'Álvares aos nobres antes da batalha de Aljubarrota, partes da batalha de Aljubarrota, a despedida das naus de Belém e o Velho do Restelo – canto IV; os fenómenos marítimos, os episódios do Veloso e do Adamastor – canto V; a tempestade, a chegada à Índia e as reflexões de Camões – canto VI; a visita ao Samorim e as reflexões de Camões – canto VII; As intrigas de Baco e dos Mouros. A força do dinheiro – canto VIII; Ilha dos Amores – canto IX; o jantar, Grande Máquina do Mundo, o regresso e as reflexões finais de Camões – canto X. Estes são os episódios que podem integrar este espectáculo/conversa que varia segundo o público, o local e o contexto em que é apresentado.

Como assim?

Uma produção Cepa Torta

19 de fev. 18h00

Cineteatro Marques Duque

Público-alvo: jovens a partir do 2º ciclo



falatório.

conversas pós ou ante espetáculo,
mediação cultural, formação de públicos

Como Assim! conversa com os atores e produção
cine-teatro marques duque . 19 de fevereiro . 18h00

Foi de repente. Estava sentado na minha cadeira, a olhar pela janela quando, de súbito, um grande FURACÃO varreu todas as pessoas da rua. Num instante. Não tive tempo de dizer nada, e quando me levantei disseram-me que não podia estar com NINGUÉM. Que não me preocupasse, que no máximo em cinco minutos me enviariam o link do zoom. E que todas as pessoas estariam do outro lado. Como assim?

Talvez não tenha sido bem um furacão, nem mesmo vendaval. Mas fomos todos APANHADOS POR UMA ONDA, um estranho NOVO TEMPO, em que o toque nos foi negado, em que o outro ficou do outro lado do ecrã. E agora, que não nos podemos tocar, abraçar, dar a mão, o que acontece ao CORPO? Como passamos a estar connosco próprios, se não temos o outro para nos devolver um REFLEXO?

O espetáculo parte da ideia de perda do essencial na construção da nossa identidade: o afecto e a proximidade do outro. Em cena, uma personagem, vítima de uma grande catástrofe, ao perder o contacto com os outros, perde-se de si própria, sem saber. Ao tentar resolver a sua falta, fará uma viagem mais interior que exterior, terá a sensação de ser dupla, tripla, de ser muitas ao mesmo tempo, num esforço permanente de perceber como se relaciona com os outros, de pertencer, de fazer parte.

O Rebento apresenta um espetáculo de teatro com uma componente física muito presente, onde dois atores apelam aos sentidos dos mais novos.

Esta proposta, que surge no rescaldo de uma pandemia que nos afastou do contacto com os outros é uma reflexão artística sobre como o crescimento e procura de identidade é profundamente marcado pela forma de tocar o outro e do outro nos tocar a nós.

Este espetáculo foi construído a partir de sessões de pensamento filosófico com jovens entre os 12 e os 16 anos e são as suas inquietações, ideias e perguntas, manifestos e reflexões, que constroem a dramaturgia. Serão literalmente as suas vozes que nos guiarão nesta distopia.

fotografia: Sónia Godinho

Cepa Torta // www.cepatorta.org

Assim deveria eu ser

12 de mar. 16h00

Cineteatro Marques Duque

Público-alvo: adequado a famílias

Este espetáculo musical ca(o)nta a infância da Amália através dos versos que ela mesmo escreveu e das belíssimas ilustrações da Cátia Vidinhas.

Os criadores e intérpretes Catarina Moura, Celina da Piedade, Sara Vidal e Ricardo Silva juntaram-se para dar a conhecer ao público mais jovem algumas histórias de uma das mais importantes fadistas portuguesas.

Com eles, entramos no tempo da história da Cigarra e da Formiga, quando cantar não era profissão, cantava-se para ganhar a vida. Mesmo assim, po-

bre, Amália-Menina não foi como a Cigarra, em vez de ir à escola, Amália-Formiga-Menina foi bordadeira, bordava linhas e palavras, palavras do mundo do fado, mas também de outros mundos sonoros e musicais, cantava os Poetas, outras vezes cantava-se a si, Amália herdeira da poesia popular de raiz oral.

Um espetáculo que desafia o público a aprender as cantigas da Amália menina bordadeira e da Amália mulher fadista. E tão bem que ela cantava!



MUSIC
CLASSICS

AMERICAN
DANCE



~~Donham~~
os
~~ouvidos~~
~~nisto!~~



Requiem For Empathy de Moullinex (2021)

“da pista de dança como elemento capaz de mudar sociedades”

Moullinex, o alter-ego do viseense Luis Clara Gomes é uma das maiores referências do universo da música electrónica portuguesa. Apelando ao trocadilho fácil dos electrodomésticos a sua música é uma “mistura” de múltiplos fascínios, interesses

e várias referências estilísticas, que vão do chamado indie à pura música electrónica.

Em *Requiem For Empathy* [4º álbum] Moulinex volta a dirigir o seu laboratório de experiências sonoras com um olhar no centro da pista de dança, oferecendo em paralelo, espaço para a contemplação e melancolia, numa sonoridade digital e sintética, que ambiciona a empatia e o contágio emocional.

Pode uma pista de dança mudar o mundo? Luís Clara Gomes admite que sim e a análise “da pista de dança como elemento capaz de mudar sociedades” é uma questão que o cativa, reconhece na dança o poder de gerar empatia entre estranhos e na empatia o poder transformador da pessoa, do coletivo, da sociedade e do mundo. “Dance, dance, dance in your mind” [Inner child] é o mote de abertura de *Requiem For Empathy* num claro convite à deambulação do corpo pela dança, induzida por hipnóticos ritmos eletrónicos, e à viagem interior guiada pela suavidade da voz de Guilherme Tomé Ribeiro [GPU Panic].

O processo de criação de “*Requiem for Empathy*” aconteceu, para Moulinex, num tempo emocional de perda, inseguranças e reflexões várias sobre si e o mundo, funcionando como um exer-

cício de catarse e terapia. No resultado assistimos a uma oscilação musical entre sombra e luz, num trabalho menos expansivo, jovial e colorido que outros anteriores, mas mais desconcertante e emocionalmente consequente.

Num mundo mais polarizado, em que empatia deixou de ser uma prioridade como pensamento global, a urgência de “nos cativarmos” [“cativar” no sentido “criar laços” O Píncipezinho de Antoine de Saint-Exupéry], motivou a residência artística, que reuniu músicos, artistas e neurocientistas num laboratório sonoro de ensaio que consolidou a natureza criativa e reflexiva do álbum. Pode a ciência e a arte criar empatia? E o que significa ser empático? Do coletivo surgiu *Requiem for Empathy* que pela música e dança propõe o contágio emocional entre pessoas e entre pessoas e a arte, numa proposta sonora eminentemente digital, mas que apela à presença física, orgânica, concreta e humana e busca a empatia.

Dos confins do universo pop nasceu este álbum, que conta com diferentes colaborações musicais e sonoridades linguísticas: em inglês GPU Panic [Running in the Dark, Inner Child, Break/Out/Break, Luz] e Afonso Cabral [Hey Bo]; em changana, de Moçambique Selma Uamusse [Ngoma Nwana]; em castelhano

“com sotaque e nuances dominicanos” Ekstra Bonus [Ven], e em crioulo de Cabo Verde, por Sara Tavares [Minina di céu].

Para ouvir e dançar em companhia de preferência.

Outros álbuns de Moulinex // Flora 2012 . Elsewhere 2015 . Hypersex 2017 Moulinex vai estar em concerto em Mértola a 26 de março.

.histórias com música.

Armando Torrão . Retalhos da vida de um Músico

por Ana Santos

*Armando de Guadalupe Elias Torrão,
músico e compositor natural de Serpa,
nascido em 1956.*

Num fim de tarde de outono sentámo-nos os dois à conversa, num muro baixo caiado de branco, mesmo ao lado da Biblioteca Municipal de Serpa, onde antes se erguia o extinto Externato Abade Correia da Serra. As suas histórias eram mais do que a quantidade de folhas que caíram das árvores nessa hora. Uma vida inteira dedicada a tocar, cantar, ensinar e compor. Criador de modas tão marcantes como “Roubei-te um Beijo” e “Mas que dia tão bonito” (dedicada ao dia do reconhecimento do Cante Alentejano como Património da Humanidade da UNESCO). Autor da obra “Cancioneiro: Modas Populares do Concelho de Serpa” (Edição Confraria do Cante Alentejano 2018). Professor de música e membro do grupo “Os Alentejanos”, com quem tem

corrido o mundo. A música é um rio que corre constante nos seus pensamentos e quem conversa com ele sabe que é assim. A paixão que lhe tem herdou-a do seu pai, Francisco Maria Torrão (1919-1959), que aos 21 anos era já músico e regente do “Orfeão de Serpa” fundado pelo Dr. Domingos Garcia (Armando relata-o como um trabalho inédito feito em Serpa nesses tempos, onde se cantavam Árias de compositores clássicos), aos 26 anos regente na Banda Municipal Serpa e integrante do Rancho

Coral de Serpa, para onde levou todo o seu conhecimento e exerceu um trabalho importante como ensaiador. Foi ainda músico fundador do conjunto “Serpes Orquestra Jazz”, onde tocava saxofone. É neste berço que Armando Torrão cresce, envolto de uma criatividade imensa e amor pela música. Apesar dos muitos mestres que passaram pela sua vida desde cedo e o marcaram, como Ernestina Pinheiro, entre outros, a família foi a sua primeira escola – e a que mais o influenciou. Este legado

passou também para os seus dois irmãos mais velhos: Francisco Torrão e José Torrão (Zeca Torrão). Músicos e compositores autodidatas, desde cedo integraram inúmeros grupos que marcaram a história deste território e não só, como Ala 4 no início dos anos 60, Haway, entre outros. O seu irmão mais velho, Francisco Torrão, tem dedicado grande parte do seu trabalho ao Cante Alentejano, como ensaiador de grupos corais e como compositor de modas, muitas vezes em parceria com o

Armando, Francisco e Zeca Torrão com o Grupo Coral e Etn gráfico da Casa do Povo de Serpa no centenário do nascimento de Francisco Maria Torrão. Foto de Fabrice Ziegler.



seu irmão Zeca (é o exemplo do emblemático tema “As Mondadeiras”). Armando e Zeca também compuseram muitas vezes em conjunto, como é o caso do tema “Glebas”. Contou-me um passarinho que Zeca Torrão tem muitos poemas escritos à espera de melodias que os abracem...

Os irmãos passaram todos por quase todos os mesmos projetos musicais simultaneamente ou na continuação uns dos outros. Conta que pela altura dos anos 60 tocava as suas “guitarradas” nos intervalos da escola com os seus companheiros e que pela altura do 25 de Abril com a extinção da sede da Mocidade Portuguesa (a que estava afeto o grupo Ala 4) fez um golpe de Estado à sua maneira: com mais companheiros tomaram conta das aparelhagens e guitarras e levaram tudo para a Sociedade Filarmónica de Serpa, que já existia nessa altura. Continuaram com o conjunto Ala 4 mas tiveram de lhe mudar o nome, passando a chamar-se Big Band. Ali começou a aprender solfejo e saxofone, com 16 anos, e aos 22 tornou-se regente da banda. Simultaneamente, em 1980, foi convidado para a Banda Filarmónica de Ferreira do Alentejo também como regente: ensinava o solfejo, acompanhava a iniciação a vários instrumentos e compunha, à mão, várias peças, nomeadamente músicas para marchas populares. À sua primeira marcha deu o nome “Serpes”, em homenagem ao grupo do seu pai. Foi neste ritmo que fez as suas primeiras criações e hoje em dia conta com dezenas de marchas compostas para os festejos dos

Santos Populares. Ainda durante os anos 80 completou os seus estudos musicais em saxofone e juntou-se à Banda de Brinches, onde foi regente. A par de tudo isto, Armando passou por vários conjuntos de música, como é o caso dos Hictal e foi cantor no Grupo Coral e Etnográfico da Casa do Povo de Serpa durante vários anos, altura em que o seu irmão mais velho era ensaiador, mantendo estas atividades em simultâneo com o seu trabalho como professor de música.

A música sempre foi a sua prioridade a nível profissional e pessoal - raramente sabia o resultado do jogo de futebol do dia. Alheio a alguns costumes do seu meio, a prioridade era a guitarra ao lado do sofá ou o piano da Casa do Povo. Nos anos 90 novos conjuntos musicais continuaram a surgir e cada vez mais as suas férias de verão eram passadas a tocar música ao vivo. As noites começavam com rock mas, onde quer que ia, o serão terminava sempre com o Cante. Tem sido assim desde sempre.

A maior herança do seu pai Francisco Maria Torrão foi a Música – este foi e nunca deixará de ser o elemento mais valioso na sua vida - uma viagem constante nos pensamentos de Armando, constante como o rio e como as folhas que teimam cair no final de uma tarde de outono.



Capa da obra "Cancioneiro: Modas Populares do Concelho de Serpa"

Programação Música

fotografia: Enric Vives-Rubio



Concerto de Ano Novo

Orquestra Sem Fronteiras

16 janeiro. 16h00 . Cine-Teatro Marques Duque

fotografia: Alipio Padilha



Danças Ocultas

12 fevereiro. 21h00 . Cine-Teatro Marques Duque



Concerto Dia da Mulher

08 março. 21h30 . Cine-Teatro Marques Duque



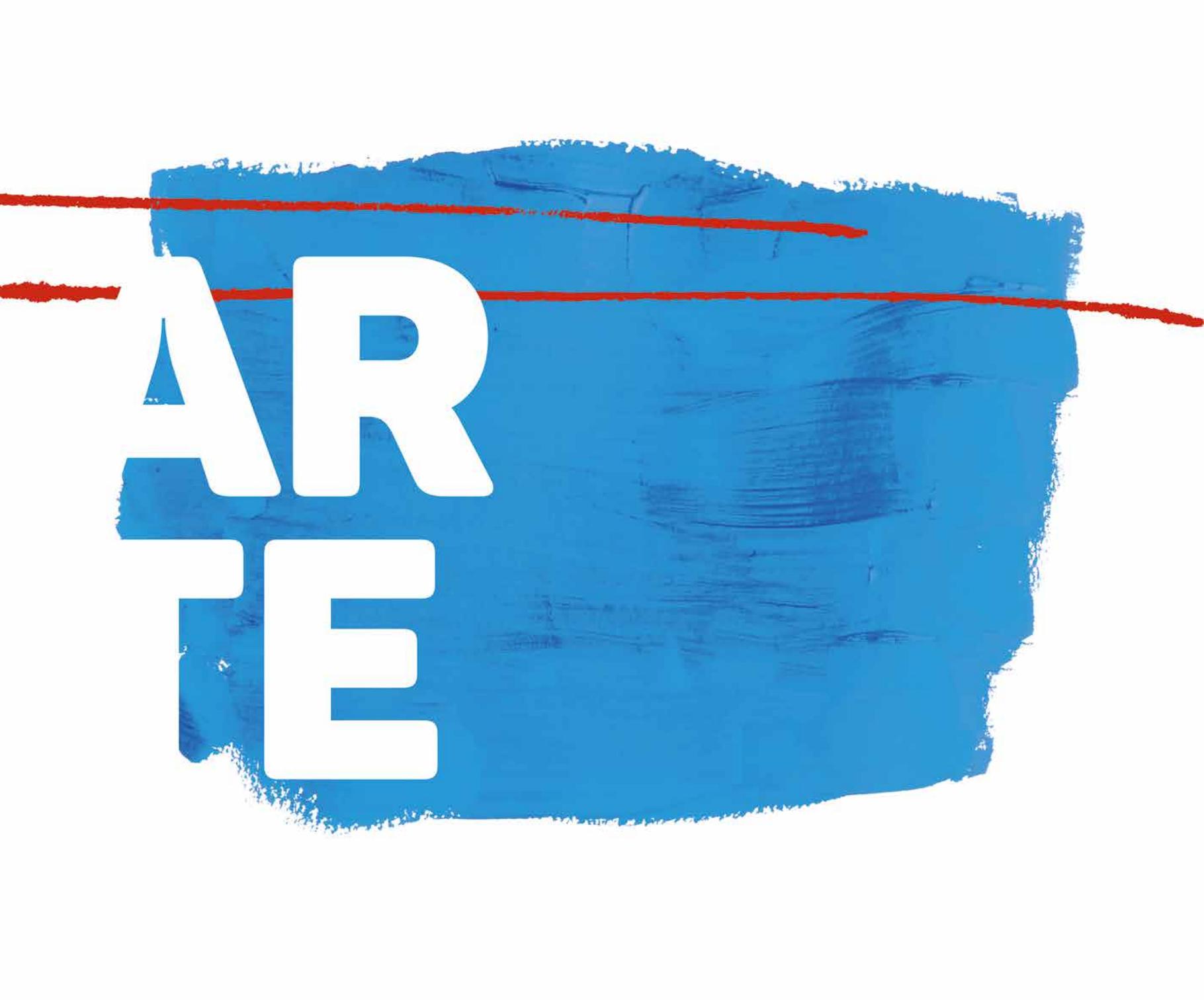
Moulinex

26 março. 21h00 . Cine-Teatro Marques Duque



música ao largo • itinerâncias •

A música andarilha, em itinerância, no porta-à-porta, nos largos, nas ruas dos montes e nos palcos das sociedades recreativas. A música identidade popular, pertença, memória, assembleia e comunidade



ARTE

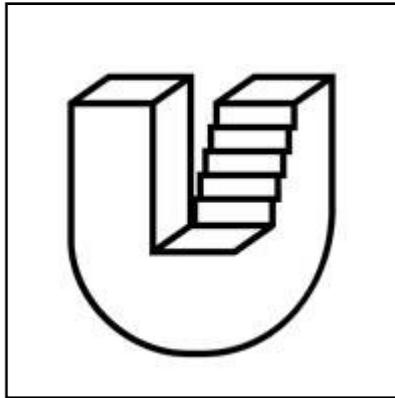
Exposições

5 a 26 de fev.
polinizadores
exposição de desenho
GRUPO DO RISCO

Galeria
do Castelo



casa
das artes
Mário Elias



1 a 26 de fev.
aniversário da casa das artes
mário elias
**exposição coletiva de artes
plásticas**
ASSOCIAÇÃO ART IS
UNDERGROUND

horários.
galeria do castelo. 3ª feira a sábado. 09h00-
12h30 | 14h00-17h30
casa das artes mário elias. 3ª feira a sábado.
09h00-12h30 | 14h00-17h30

Zarcos Palma, natural da Mina de S. Domingos, é conhecido de todos, entre outras coisas, pelo seu trabalho na área da astrofotografia de paisagem. Conhecedor do território, de gentes e de paisagens, Zarcos Palma constrói as suas fotografias minuciosamente. Fotografava nos céus, coisas que a maior parte das vezes a nossa vista não alcança ou não sabe identificar, junta-lhe o nosso património, natural ou construído, invariavelmente a Mina de S. Domingos, a sua Mina.

Zarcos Palma é natural da Mina de S. Domingos. O seu pai estava ligado à parte técnica da Mina – era desenhador técnico e um dos seus passatempos era a fotografia. Fotografava pessoas, grupos, acontecimentos, a Mina. Daqui o imenso espólio fotográfico que Zarcos Palma possui relacionado com a Mina, são centenas de fotografias. Daí a paixão inicial pela fotografia.

Zarcos Palma

Astrofotografia de paisagem
Escrever com a luz quando não há luz



Nos anos sessenta, com o encerramento da Mina a família muda-se para a zona de Lisboa, tinha então 10 anos de idade. Com 14 já trabalhava como desenhador técnico, profissão que requer disciplina e rigor. À noite completa a sua formação académica. Entretanto começa a interessar-se pela fotografia, e é com a máquina do pai que tira as primeiras fotografias, os primeiros rolos seriam sempre muito contidos, fotografava sobretudo paisagens e não havia margem para erros, cada disparo, cada imagem.

A sua vida profissional torna-se exigente e faz um longo percurso de 44 anos na indústria automóvel. Termina a sua carreira como Director da Qualidade e Director da Engenharia de Produto onde a exigência e rigor esteve sempre presente e após a reforma regressa à Mina onde reside habitualmente

É este rigor, quer no planeamento quer no processamento final do produto, que está na base da sua expressão artística. É esta “deformação profissional” que lhe empresta toda a metodologia para uma fotografia complexa do ponto de vista técnico.

Sem este rigor não conseguiria ultrapassar o processo contemplativo e passar ao complexo planeamento de captação de uma fotografia.

“Comecei a fazer fotografia de paisagem, que ainda faço episodicamente, mas não é o foco da minha carreira como fotógrafo amador..

Costumo dizer aos meus amigos que fotografam paisagens: quando vocês voltam para casa é quando eu saio. E na prática é!...

A astrofotografia liga-se com o rigor, com a natureza da minha profissão. A fotografia é a escrita com a Luz. Mas fazer fotografia quando há luz, qualquer pessoa consegue fazer, mas escrever com a luz quando não há luz é que é o desafio. É aí que eu entro. É uma questão de rigor que eu aprendi durante a minha carreira profissional e com a necessidade que esse tipo de fotografia tem de um planeamento meticuloso, ao segundo. Isso levou a embrenhar-me cada vez mais nesta área.



Por exemplo, no planeamento das fotografias da ISS - Estação Espacial Internacional, eu utilizo software que me diz quando é que ela atravessa o céu num determinado sítio. Mas é necessário ir uns dias antes ao sítio escolhido para perceber se há condições para fazer a fotografia. Se a estação passa em determinado azimute, se não há obstáculos naturais e visualizar a composição planeada. Depois tenho que verificar as questões da meteorologia e outros de grande influência como o caso da Lua; a intensidade do luar pode reduzir a capacidade de visualização. Portanto há um conjunto de factores que se têm que reunir para que a foto resulte. Essa é a parte desafiante deste tipo de fotografia. Além de incursões em outros tipos de fotografia que apresentam também os seus desafios específicos e que me ajudam a ser um fotógrafo mais completo, dedico-me, principalmente, a astrofotografia de paisagem pelas razões atrás apontadas. Com ela o meu objectivo é divulgar as paisagens que temos neste território e a beleza do céu nocturno. A Tapada, a Achada do Gamo, Mértola, os Canais, o montado, etc... aquilo que fotografo são sempre coisas do nosso território de uma forma que a generalidade das pessoas não vê. Ligo os factores astronómicos com a paisagem. A ideia é também divulgar as potenciali-

dades deste território associadas a este produto.

Normalmente vou sozinho para o campo. Dois a três dias antes de fazer a fotografia vou ao local ver se estão reunidas todas as condições. Por vezes vou mais que uma vez. Depois, à noite, volto para fotografar, pois já foi tudo previamente planeado. Não invento nada. É só fotografar e, registar o momento para a posteridade.

O rigor e o planeamento passa a ser ainda maior como no caso da captação daquilo que se chama o trânsito da ISS - Estação Espacial Internacional nas suas passagens em frente ao Sol ou em frente à Lua. Tenho fracções de segundo para captar a imagem. O rigor dessas fotos é ao centésimo de segundo. Normalmente estou a ver o relógio atómico do Instituto Astronómico de Lisboa e, assim, posso saber exactamente quando a Estação passa. São fenómenos irrepetíveis ... como ainda no caso do lançamento da nova constelação de satélites - Starlink. Sei quando eles passam e tenho inclusive captações daquilo que eles chamam o starlink train, ou seja o conjunto da maior parte dos satélites todos próximos uns dos outros a atravessar o céu, fenómeno que ocorre aproximadamente 48 horas após o lançamento dos satélites. Depois a sua deslocação progressiva para órbitas superiores

e o afastamento entre si irá tornar o seu avistamento e registo cada vez mais difícil. É este desafio todo que faz deste tipo de fotografia uma fotografia única que me atrai particularmente.

Passo horas, muitas horas, no planeamento de uma fotografia.

Há meses que andava tentando fotografar a CSS - Estação Espacial Chinesa. Normalmente passava com uma magnitude (grandeza do brilho) que não me era possível captar. Depois de mais de dez saídas lá consegui o seu registo a atravessar o céu por cima da Tapada Grande numa magnífica noite de Luar.

Tem sido sempre uma preocupação minha associar a astrofotografia ao nosso território porque de facto há aqui coisas muito bonitas. O meu portfólio é essencialmente de fotografias tiradas nesta zona, mas nunca perco a oportunidade de fazer um ou outro registo quando em viagem me desloco a outras zonas do país ou do estrangeiro.

O trabalho nesta área tem sido gratificante. O ano passado consegui uma fotografia a partir do moinho junto à Mina. Com a Puebla de Guzmán a cerca de 30 quilómetros em linha recta foi possível fotografar o nascer da Lua por detrás do Santuário da Virgem de la Peña com a povoação de Puebla de Guzmán no sopé. Aquele registo



Fausto Palma - 2020



só dava naquele dia, não dava noutra dia qualquer. Mandei essa fotografia para a NASA, eles recebem centenas de fotografias de fotógrafos de todo o mundo e todos os dias publicam a fotografia astronómica do dia (apod) e, então, seleccionaram a minha fotografia.

Em 2018 o site americano Space.com publicou igualmente uma fotografia minha integrada no conjunto das melhores 100 astrofotografias desse ano.

Estes são, entre outros, momentos de grande satisfação, motivação e realização pessoal.

O futuro? Pretendo continuar a cultivar a paixão pela astrofotografia de paisagem, pois é aquilo que me dá gozo a fazer pelos desafios que apresenta. Depois, pretendo refinar o que tenho feito. Isto não é só feito de sucessos, há também muitos insucessos pelo caminho, muitas noites sem dormir que resultaram menos bem, muitos registos que precisam de ser melhorados e que exigem outro tipo de abordagem o perfeccionismo faz parte do meu ADN, do meu profissionalismo.”

fotografia. Jorge Brnaco (C.M.M.)



escola de artes
MÁRIO ELIAS

A Escola de Artes Mário Elias é um projeto de sensibilização, formação e educação artística não formal promovido pela Câmara Municipal de Mértola. A escola não é um espaço físico, um lugar ou uma sala. A escola acontece em workshops, cursos, residências artísticas ou master classes dirigidos a diferentes públicos. Pretende habilitar as pessoas para a criação artística e desenvolver nelas a capacidade de se relacionarem, interpretar e sentirem as diferentes linguagens artísticas, bem como, de assumirem perante a arte e a vida uma consciência crítica e uma atitude criativa.

Oficina de Expressão Plástica

Ter. 18h30 . casa das artes

Oficina de Desenho

Quar. 18h30 . casa das artes

Oficina Primeiro Olhar

pré-escolar e 1º ciclo (aec)

informações e inscrições

CasadasArtesMarioElias@cm-mertola.pt



A NOSSA CAPA



Bárbara R.

Bárbara R. é designer de comunicação e ilustradora.

É licenciada em Design de Comunicação pela ESAD Matosinhos e fez erasmus na ESA Lorient (França). Posteriormente, concluiu o curso profissional de Fotografia no IPF Porto e alguns anos mais tarde o mestrado em Ilustração pela ESAG.

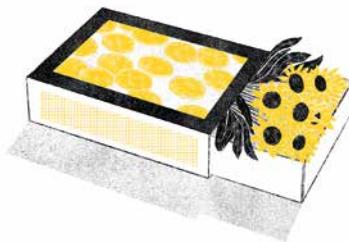
Trabalhou em algumas empresas em Portugal, França e Canadá. Foi co-fundadora da Feia - Associação de Ilustração e participou em várias exposições individuais e colectivas assim como vários workshops.

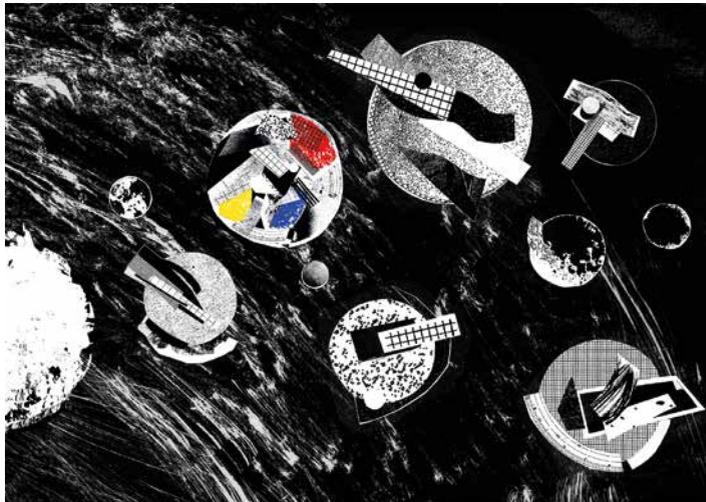
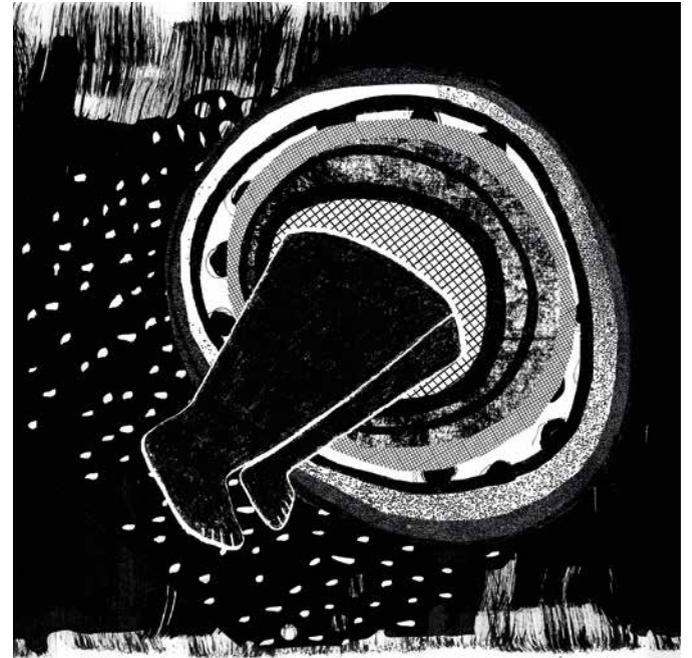
Fez parte da comissão organizadora do 8ª e 9ª Encontros de Ilustração de S. João da Madeira onde também foi encarregue de toda a imagem do evento. Em 2017 auto-publicou o livro "O Sol da Sra. Azul". É co-fundadora do negócio social "lolo" e membro da "Portugal Manual".

Participa frequentemente em feiras de Ilustração e dá aulas e workshops. Colabora regularmente com a revista "Notícias Magazine".

Os seus trabalhos têm sempre uma base manual e analógica. Trabalha sempre que possível com papel, serigrafia, gravura e voltou agora a trabalhar com fios e a tecer ilustrações.

Os livros e as viagens sempre estiveram presentes na sua vida. Cresceu rodeada de verde, com montanhas por perto e o mar ao lado. Já viveu em vários sítios e neste momento voltou ao Porto, a cidade que sempre lhe encheu o coração e onde está a magicar projectos para o futuro!





<https://barbara-r.eu/>
https://www.instagram.com/barbara_r_illustration/
<https://www.facebook.com/barbararillustration/>
<https://www.etsy.com/shop/barbararillustration>

programa residências_

Coletivo Art is Underground
3 a 8 de fevereiro
Integrado no aniversário da
Casa das Artes Mário Elias



Sónia Godinho - Visões
Janeiro a Março de 2022
Escola Primária da Mina de S. Domingos



Lise Wulff - Old Space, New Volume
2ª residência · 21 de março a 3 de abril de 2022
Integrada no projeto Malacate



HISTÓRICO

ARQUIVO

DESIGN

A TECNOLOGIA AO SERVIÇO DA DIVULGAÇÃO NOS MUSEUS

O caso do Museu de Mértola

Lígia Rafael

Coordenadora Técnica do Museu de Mértola

A sociedade atual vive o imediato. O futuro é agora e a mudança é de tal forma rápida que experimentamos uma sensação de viver momentos efêmeros, quase descartáveis. Também os museus têm que se adaptar a um novo Mundo, a uma nova sociedade, a novas formas de comunicar e divulgar os seus acervos, sem perder o foco principal que é a materialidade e a importância do objeto enquanto testemunho. O frenético desenvolvimento tecnológico e digital não pode sobrepor-se ao material, ou seja, à importância do objeto, da investigação e da conservação, essencial para a construção da memória coletiva e para o fortalecimento de laços identitários e de pertença.



Não podemos, no entanto, desvalorizar o papel que tem a tecnologia nos tempos que vivemos. São tempos de mudança, de adaptação, de alterações que, em muitas dimensões, estão diretamente relacionadas com os avanços tecnológicos e digitais, com as exigências da globalização e com a necessidade de disseminar informação em tempo real. Por outro lado, não podemos descartar a importância da tecnologia enquanto instrumento fundamental para a otimização de resultados em várias áreas como o registo, a investigação e a divulgação.

A investigação e as formas inovadoras de divulgação, onde os núcleos do Museu de Mértola são a expressão mais emblemática, são um dos aspetos que diferencia este projeto museológico. A definição de formas de comunicação e de transmissão de conhecimento e o desenvolvimento de diversas linguagens expositivas e de apresentação de conteúdos é, e sempre foi, uma preocupação dos responsáveis pelos diversos projetos e ações desenvolvidas pelos agentes locais onde se destaca, neste contexto, a Autarquia e o Campo Arqueológico de Mértola, instituições parceiras na gestão do Museu.

Seguindo esta lógica e adaptando-se aos sinais dos tempos e aos avanços da tecnologia, também o Museu de Mértola tem adequado o seu equipamento e formado os seus técnicos com competências que permitem desenvolver trabalho nas mais diversas áreas.

Exemplo disso é o Scanner e Impressora 3D que permite otimizar os registos sobre os objetos do acervo, complementado a informação do inventário, trabalhando conteúdos para a área educativa e desenvolvendo réplicas, modelos e suportes para zonas expositivas, entre outras ações que complementam a atividade do Museu nas mais diversas áreas e das quais vos apresentamos alguns exemplos.



digitalização 3D de uma estátua romana



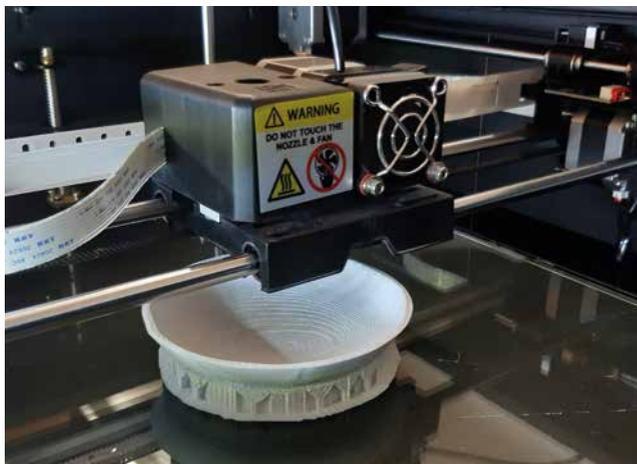
digitalização 3D de um candil



impressão 3d de molde de uma medalha e uma lápide



impressão 3D de um candil



processo de impressão 3d de um prato



horário

terça a domingo,
das 9:15h às 12:30h e das 14:00h às 17:15 h
(encerra à segunda)

núcleos abertos ao público

Oficina de Tecelagem; Igreja Matriz; Alcáçova;
Castelo; Arte Sacra; Basílica Paleocristã, Arte
Islâmica.

condições de visita

O uso de máscara é obrigatório;
Distanciamento social aconselhado (2m);
Desinfecção das mãos à entrada;
Cumprimento dos limites de ocupação
assinalados à entrada;
Entrada grátis
Não se realizam visitas guiadas

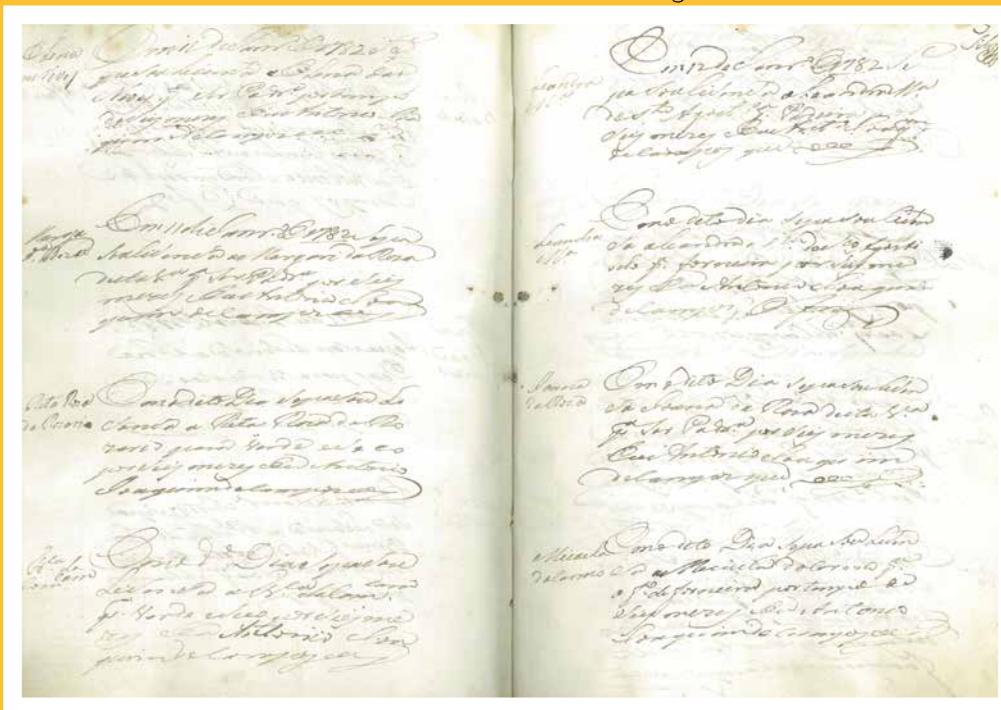
Informações

turismo@cm-mertola.pt ou
museus@cm-mertola.pt
<http://www.museudemertola.pt>
Telefone: 286 610 100 ext. 1580 ou 1590

COISAS DE OUTROS TEMPOS ...

Paula Rosa, Arquivo Municipal de Mértola

Os ofícios: a história económica e social através dos livros de Licenças



O livro em destaque remete-nos para Mértola de outros tempos, em que homens e mulheres tinham lojas abertas para vender vinho, sal e azeite, "verde e seco"; em que, aparentemente única e exclusivamente, as mulheres exerciam o ofício de padeira e tecedeira e os homens, após exame e termo de fiança, tiravam licença para exercerem o ofício de sapateiro, ferrador, ferreiro e moleiro.

Trata-se do livro mais antigo de licenças, de 1782 a 1786, no qual se registam as licenças passadas na câmara para o exercício de ofícios, mas também licenças para “trazer a malhar” gado de uma localidade para outra (ovelhas, cabras, chibatos, etc.) ou levar animais a vender às feiras vizinhas, como a feira de Beja, Serpa, Castro Verde, Ourique ou Ferreira do Alentejo.

Este livro faz parte de uma série de dez livros (de 1782 a 1873) e, a par dos livros de fianças (uma vez que era necessário apresentar um fiador para desempenhar determinadas actividades profissionais), é possível estudar as profissões sob diferentes perspectivas, contribuindo para o estudo da história económica, social, familiar e realizar estudos de género, uma vez que se verifica que as mulheres ocupavam lugares específicos no sector profissional.

Analisando o ano de 1782, verifica-se que das 258 licenças registadas, 186 dizem respeito a homens e 72 a mulheres. Entre as actividades exercidas por homens, há um grande número que corresponde à venda de géneros que careciam de licença, como o vinho, sal, azeite, “verde seco” e pólvora, e à deslocação de animais e venda de gado em feiras (cujas funções, raras vezes, foram também desempenhadas por mulheres).

Em relação às actividades artesanais constata-se que aquelas que são realizadas por homens apresentam sempre a designação de ofício, o que pressupõe que desempenhavam uma arte dependente de examinação e que após aprovação poderiam então abrir oficina

ou loja. Neste grupo incluem-se as referidas profissões de sapateiro, ferrador, ferreiro, moleiro e alfaiate. No caso das mulheres, verifica-se que ser padeira nem sempre é designado por ofício. Por vezes há essa referência, juntamente com o registo de fiança, mas na maior parte das vezes apenas se refere que a licença é emitida “para ser padeira”. Um ofício desempenhado por mulheres e que depende de fiador (logo de regulamentação do ofício), é o de tecedeira (o qual surge mais frequentemente em anos posteriores). Entre as mulheres surgem também licenças para “padejar” (“fabricar pão, bater a massa da farinha antes de a meter no forno”) e forneira. Refira-se também as licenças para “dar de comer aos passageiros” e para ser estalajadeiro (em 1782 estas funções foram exercidas somente por homens e em pouca quantidade, mas em anos posteriores é mais frequente e há mulheres que são também estalajadeiras e que “dão de comer” aos forasteiros).

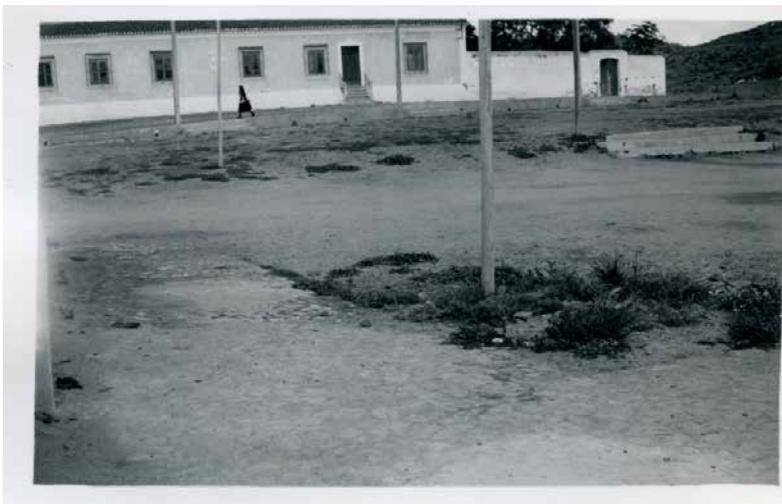
Somente no final do ano de 1782 surgem licenças para embarcar no porto de Mértola, no caso, carvão (nos livros de licenças e fianças posteriores aparece frequentemente).

Relativamente às feiras, durante o ano de 1782, verifica-se que a feira que mais gente movimentou (em termos de licenças para vender animais), foi a feira de Beja com 32 licenças registadas. Seguidamente surge a feira de Serpa com 21 registos e depois as de Ourique e Ferreira (ambas com 6 registos), Entradas e Castro (ambas com 2 registos) e Garvão (apenas com um registo).

Podemos ainda observar que seria em Mértola, Corte Gafo e Santana de Cambas, Espírito Santo e S. João que haveria mais actividade comercial, pois são os locais que apresentam maior número de referências (partindo do princípio que os profissionais oriundos das referidas localidades exerceriam a sua profissão no local de origem).

Desta breve análise ao livro de licenças e ao ano de 1782 constata-se que as potencialidades desta documentação, relacionada com a organização das actividades profissionais, são muitas e interessantíssimas. Os registos fornecem os nomes do profissional, a sua origem (residência), o tipo e local de trabalho e remetem, quando necessário, para o registo de fiança (no respectivo livro de fianças).

Consulte este e outros documentos no Arquivo Municipal de Mértola ou no site: <https://arquivo.cm-mertola.pt/>



Participe no projeto de recolha e divulgação de fotografias antigas e contribua para a memória coletiva do concelho. Contacte o Arquivo Municipal de Mértola através do email arquivo@cm-mertola.pt. A cedência de documentação de interesse local para digitalizar é temporária, não havendo transferência de propriedade, exceto se o possuidor pretender efetuar a doação ou depósito.





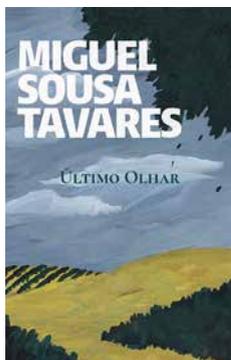
LITERATURA

LER



MÃE, Valter Hugo - **As doenças do Brasil.** Porto: Porto Editora, 2021

A "fera branca" quase exterminou os povos originários do Brasil. Ao longo de séculos, os brancos mataram aqueles que não podiam escravizar. A dada altura, em fuga, muitos negros encontraram ao acaso os povos de peles vermelhas e tantas vezes o entendimento e a paz aconteceram.



TAVARES, Miguel Sousa - **Último olhar.** Porto: Porto Editora, 2021

Último Olhar marca o aguardado regresso de Miguel Sousa Tavares ao romance. Uma história sem tréguas nem contemplações, onde o passado cruza o presente e o presente interroga o futuro que queremos ter. Da primeira à última página, até decifrarmos o que se esconde atrás do título.



UNDERWOOD, Deborah - **O mundo cá dentro.** Lisboa: Orfeu Negro, 2021

Dantes, éramos parte do mundo e o mundo era parte de nós. Agora, mesmo quando estamos lá fora, estamos cá dentro... Em casa, no carro ou na escola. Virados para dentro, esquecidos do mundo. Então, o mundo procura-nos. O mundo diz-nos: "Estou aqui. Sinto a tua falta." E nós vamos ter com ele.



BENEGAS, Mar - **Coração de pássaro.** Barcelona: Akiara, 2020

"A Nana nasceu numa ilha, junto ao mar, e fazia perguntas às quais ninguém sabia responder. Os seus olhos viam o que quase ninguém vê, e a Nana precisava de escrever sobre tudo isso, para não lhe escapar como a areia entre os dedos. Um conto...sobre o nascimento da poesia e do amor."

VER



GRECO, Pierre, e outro - **Missão Yeti: em busca do homem das neves.**

[registo video]. [S.l.]: Filmes 4you, 2020

A jovem detective Nelly Maloye torna-se amiga de Simon Picard, um assistente de Antropologia de uma universidade local. Pessoalmente convicto da existência do yeti, o célebre "Abominável Homem das Neves", Simon tem como missão de vida encontrar provas definitivas.

Crescer com livros
dos 0 aos 3

05 março
biblioteca municipal
10h00

Horário da Biblioteca Municipal:
Horário de funcionamento: 2ª f. a 6ª f - 10 h - 12.30 h / 14.30 h - 18.00 h.
Uso de máscara obrigatória a partir dos 10 anos.

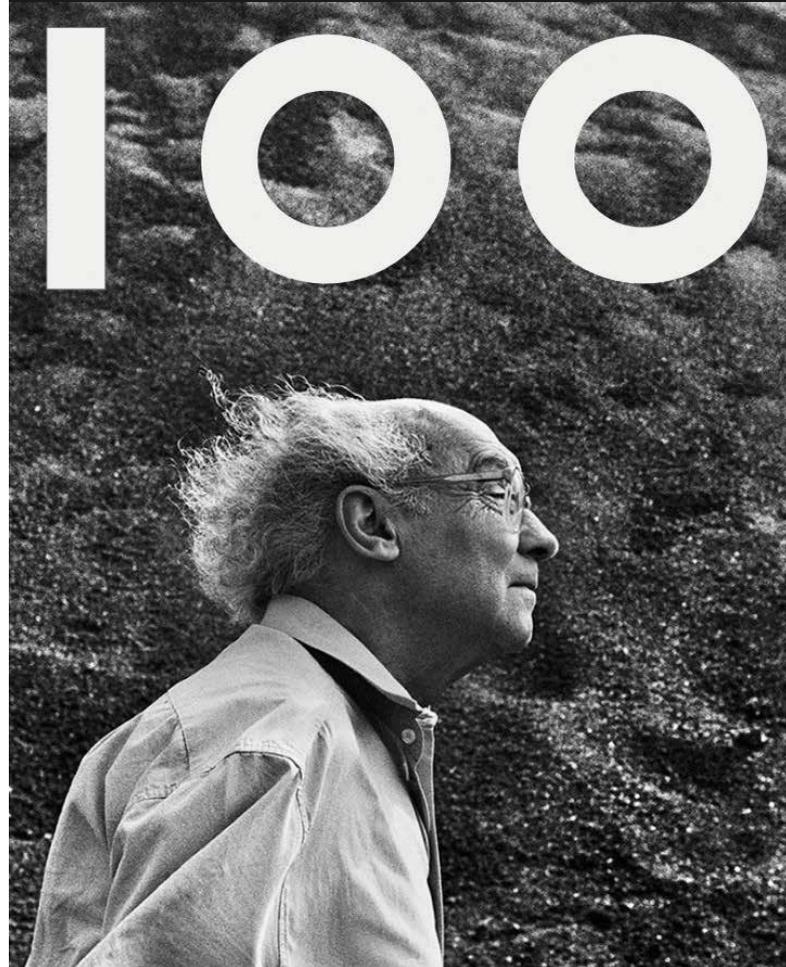
espaço autor

Em tempos de centenário, breve nota sobre José Saramago

de Cristina Taquelim com revisão de Paula Cusati

“O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever. Às quatro da madrugada (...) levantava-se da enxer-ga e saía para o campo, levando ao pasto a meia dúzia de porcas de cuja fertilidade se alimentavam ele e a mulher. Viviam desta escas-sez os meus avós maternos (...). Chamavam-se Jerónimo Melrinho e Josefa Caixinha esses avós, e eram analfabetos um e outro. (...) Ajudei muitas vezes este meu avô Jerónimo nas suas andanças de pastor (...) E algumas vezes, em noites quentes de Verão, depois da ceia (...) Enquanto o sono não chegava, a noite povoava-se com as histórias e os casos que o meu avô ia contando: lendas, aparições, assombros, episódios singulares, mortes antigas, zaragatas de pau e pedra, palavras de antepassados, um incansável rumor de memórias que me mantinha desperto, ao mesmo tempo que suavemente me acalentava.”

Por vezes, o encontro com um texto, o diálogo com um autor faz-se em meia dúzia de linhas sinceras. Estas, proferidas por Saramago, na entrega do Nobel pela Academia Sueca em 1998, funcionaram como uma chave afectiva para entrar na sua obra, escutar-lhe a voz e compreender a dimensão de oralidade na sua obra, o peso da sua infância no seu imaginário e na sua formação .



fotografia. fonte · josesaramago.org

José Saramago nasceu em 1922, entre camponeses sem terra, na Azinhaga do Ribatejo. Em 1924 o pai decide ir com a família para Lisboa. Apesar de José Saramago ser um excelente aluno, as faltas de recursos para prosseguir os seus estudos no liceu orientam os pais para uma escola de ensino profissional, onde, durante cinco anos, aprende o ofício de seralheiro, profissão que chegou a exercer.

Foram os livros escolares de Português, os únicos a que tinha acesso, que lhe abriram as portas para a fruição literária e também as noites passadas na biblioteca pública do Palácio Galveias, em Lisboa, onde o gosto pela leitura cresceu, conduzido pela curiosidade e pela vontade de aprender.

“No final dos anos 50 assume funções de coordenação na Editorial Estúdios Cor, função que conjugaria com a de tradutor e de crítico literário. Em 1971 assumiu funções de editorialista no Diário de Lisboa e em abril de 1975 é nomeado director-adjunto do Diário de Notícias. No princípio de 1976 instala-se no Lavre para documentar o seu projecto de escrever sobre os camponeses sem terra. Assim nasceu o romance Levantado do Chão e o modo de narrar que caracteriza a sua ficção novelesca.” (*)

Na trajectória do autor encontramos uma primeira publicação em 1947, que viria a sair com o título Terra do Pecado, e uma última, Caim, em 2009. Entre ambas dezenas de livros - romance, poesia, crónica, conto, diário, memórias, dramaturgia, correspondência, ensaio, álbum ilustrado - de onde destacaríamos Memorial do Convento, As Intermitências da Morte, O Evangelho Segundo Jesus Cristo, Ensaio sobre a Cegueira, entre tantos outros possíveis.

Entre a primeira e a última edição fica uma obra expressiva de mais de 40 títulos, com livros publicados em mais de 65 países e traduzidos em mais de 50 línguas.

A obra de Saramago foi distinguida em inúmeros países com vários prémios e distinções. Em 1995, José Saramago recebe o Prémio Camões e em 1998 o Prémio Nobel da Literatura.

Em 2007 decidiu criar em Lisboa uma Fundação com o seu nome, que viria a assumir entre os seus objectivos principais “a defesa e a divulgação da literatura contemporânea, a defesa e a exigência de cumprimento da Carta dos Direitos Humanos (...), abrindo portas a projectos vivos de agitação cultural e propostas transformadoras da sociedade.” (*)

Pilar del Rio, sua companheira, que hoje dirige este projecto, exprime como ninguém o que torna Saramago único: *“O estilo literário. A honestidade intelectual. A valentia pessoal. A sua potência criadora. A capacidade para criar personagens inesquecíveis. A sua força transgressora. Talvez seja necessária ainda mais perspectiva temporal para vermos a dimensão desta pessoa com quem nos cruzámos na rua, que era igual a nós e que, no entanto, tinha o dom, a extraordinária capacidade de contar o mundo. Além disso, ao contá-lo, levanta-o do chão porque nos faz a todos mais lúcidos e sábios. A sua obra literária é uma constante meditação que nos enriquece.”* (*)

**site da Fundação Saramago.
<https://www.josesaramago.org>*

PARA LER ... RECOMENDA

Mértola pela mão de Saramago

de Cristina Taquelim
com revisão de Paula Cusati



De todas as janelas possíveis sobre a obra de Saramago, gostaria de abrir aquela que nos conduz ao seu Viagem a Portugal, por ser um importante livro na esfera da literatura de viagem e porque ilustra o seu olhar sobre Mértola.

Escrito entre outubro de 1979 e julho de 1980, a convite da editora Círculo de Leitores, o livro oferece-nos registos de uma viagem de Norte a Sul, uma deambulação entre crónicas, narrativas e memórias, tecidas pela mão do viajante, o autor, que nos faz descobrir ou reencontrar gentes, modos, lugares. Um livro onde a paisagem é o personagem.

Nessa viagem, Saramago anuncia a sua chegada a Mértola de forma exacta, nomeando o que o meu olhar de estrangeira não sabe ainda nomear:

“Subitamente a paisagem modifica-se. Para cima, é a grande extensão já atravessada pelo viajante, para sul o chão encrespa-se suavemente, sobe e desce. (...) é aí que a transformação se torna brusca: o mato substitui as terras cultivadas, as colinas encavalam-se, os vales tornam-se fundos e escuros. Em meia dúzia de quilómetros, se não menos, passa-se da planura para a serra. O viajante tem visto a paisagem modificar-se (...). Nunca assistiu a tão rápida transição. (...) A Mértola veio também o Guadiana, o das negaças. Este rio nasceu belo e belo acabará, é sina que há-de cumprir. O viajante vai espreitá-lo, vê que não perdeu a cor profunda das águas nem a braveza, mesmo quando desliza entre pacíficas margens. Está-lhe na natureza, é um milhafre a gritar.”

Ler o que alguém escreveu sobre uma realidade que conhecemos, e fazê-lo desta forma, é encantatório. Saramago convida-nos a visitar a Igreja Matriz de Mértola. Subimos com ele: *"Para chegar à igreja matriz, há que subir. A porta está fechada, mas aqui o viajante não estranha nem se alarma. Onde é hoje a igreja, foi mesquita árabe, e este simples dado histórico aparece para justificar todos os recatos, todas as trancas e fechaduras (...). Bate a uma porta, logo lhe dizem que não é ali, mas mais a baixo. E nem o viajante precisa de ir ao sítio. Com um agudo grito, que mais parecia de almua-dem, chamou a vizinha sua vizinha, e em meio minuto veio esta, não com uma chave, mas com duas. É a primeira para abrir uma capelinha ali entalada na parede, onde mal cabem três pessoas. É do Senhor dos Passos esta capela. Tem um senhor trajado de roxo, com todos os maus tratos patentes em pés, mãos e cas-*

tigada face. Mas o melhor são duas esculturas, uma mostrando Cristo atado à coluna, outra um Ecce Homo, de robusta anatomia (...). O viajante surpreende-se com estas perfeições encerradas numa capela minúscula, pergunta de onde vieram as estátuas, parece que adivinha e logo ali lhe contam a maravilhosa história de um preso, que há muitos anos, na cadeia de Mértola, esculpiu, em suas muitas horas vagas, as duas imagens do Senhor. Quer saber quem foi o preso, a história não pode ser apenas isto(...). Pelo menos a história é fascinante: o preso na sua enxovia, truca, truca, a esculpir, não um, mas dois Cristos, não uma, mas duas chaves, e o mais certo é nenhuma lhe ter aberto a porta da prisão."

E dou por mim a parar naquela página e a sentir-me tentada. *"É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que*

se viu de noite... É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e para traçar caminhos novos".

Sigo o conselho do escritor e subo até à mesquita, desta feita com a Viagem por Portugal na mão.

Prosas

a propósito do dia internacional da mulher

Eduardo Galeano
Mulheres*

Quando Lélia trabalha

Quando Lélia trabalha, a vender o corpo, pagam-lhe pouco ou pagam-lhe com uma sova. E quando rouba, os policias roubam-lhe o que ela roubou e além disso roubam-lhe o corpo. Diz Angélica, dezasseis anos, atirada para as ruas da Cidade do México.

- Eu disse à minha mãe que o meu irmão tinha abusado de mim, e ela pôs-me fora de casa. Agora vivo com um rapaz e estou grávida. Ele diz que me vai apoiar, caso eu tenha um menino. Se for menina, não sei.

* "Entre Outubro de 2014 e a data da sua morte, Eduardo Galeano supervisionou, modelou e poliu as páginas de *Mujeres* até à sua forma definitiva, respondendo ao desafio proposto pelo seu editor espanhol: a criação de uma antologia em que a mulher é protagonista. A (...) obra, fruto de um extenso trabalho de compilação e de articulação, veria a luz do dia na Primavera de 2015 e reúne excertos de textos retirados de vários livros de Eduardo Galeano, entre os quais *Espelhos*, *O Livro dos Abraços* e *As Palavras Andantes*." O texto acima é um deles. "Quando Leila trabalha" in *Mulheres*, Eduardo Galeano. Tradução José Colaço Barreiros. Ed. Antígona pp 198.

Queixa das almas jovens censuradas

Dão-nos um lírio e um canivete
E uma alma para ir à escola
E um letreiro que promete
Raízes, hastes e corola.

Dão-nos um mapa imaginário
Que tem a forma duma cidade
Mais um relógio e um calendário
Onde não vem a nossa idade.

Dão-nos a honra de manequim
Para dar corda à nossa ausência.
Dão-nos o prémio de ser assim
Sem pecado e sem inocência.

Dão-nos um barco e um chapéu
Para tirarmos o retrato.
Dão-nos bilhetes para o céu
Levado à cena num teatro.

Penteiam-nos os crânios ermos
Com as cabeleiras dos avós
Para jamais nos parecermos
Connosco quando estamos sós.

Dão-nos um bolo que é a história
Da nossa história sem enredo
E não nos soa na memória
Outra palavra para o medo.

Temos fantasmas tão educados
Que adormecemos no seu ombro
Sonos vazios, despovoados
De personagens do assombro.

Dão-nos a capa do evangelho
E um pacote de tabaco.
Dão-nos um pente e um espelho
Para pentearmos um macaco.

Dão-nos um cravo preso à cabeça
E uma cabeça presa à cintura
Para que o corpo não pareça
A forma da alma que o procura.

Dão-nos um esquife feito de ferro
Com embutidos de diamante
Para organizar já o enterro
Do nosso corpo mais adiante.

Dão-nos um nome e um jornal,
Um avião e um violino.
Mas não nos dão o animal
Que espeta os cornos no destino.

Dão-nos marujos de papelão
Com carimbo no passaporte.
Por isso a nossa dimensão
Não é a vida. Nem é a morte.

Natália Correia, Dimensão Encontrada, 1957.



MÃOS

MANUA
LIDADES

A ARTE DE FAZER COM AS MÃOS

Do tear à porta 5 - a arte no feminino-

Margarida Rosário _ Vargens



fotografia - Jorge Brnaco [C.M.M.]

Quem passa pelo Largo Vasco da Gama e joga o olhar um pouco por cima do muro rendilhado da Casa do Sr. António Pereira facilmente descobre uma placa de madeira, uma antiga tábua de tender o pão, com a inscrição **"porta 5 - atelier"**. Foi aqui que nos encontrámos com a Margarida Rosário, amante das artes e ofícios.



Margarida Rosário é natural das Vargens, uma pequena povoação da freguesia de S. Sebastião dos Carros. Apesar de ter residência na vila há cerca de 30 anos é nas Vargens que tem as suas raízes. Passado algum tempo de ter concluído o 12º ano decidiu candidatar-se a um curso de formação profissional da Associação de Defesa do Património de Mértola na área da Tecelagem Tradicional. Vindo de uma terra de tecedeiras teve o primeiro contacto com esta arte através da mãe. Já a sua tia era uma mestra com muita experiência. Quando era miúda, a mãe e a tia lá lhe iam dando coisitas para se entreter, para não andar no descaminho das voltas de bicicleta ou nas correrias com as amigas pelas redondezas do monte. Aprendeu de muito novita a cozer trapos, a dar um ponto ou a encher canelas.

A candidatura ao curso de tecelagem transformou-se numa certeza, veio viver para Mértola onde morou na casa da Sra. Margarida, na casa do Lanternim. Teve como mestras a Sra. Adélia e a Sra. Maria Teresa e assim ficou, como aprendiz, de 1984 a 1987 ano em que se forma a Cooperativa Oficina de Tecelagem de que ela foi Presidente da Direcção durante alguns anos.

Seguidamente, e porque a tecelagem só poderia garantir um magro sustento, foi dar aulas de trabalhos oficinais na Escola Secundária de Alcoutim.

Não sem algum orgulho, contido mas emocionado, vai contando:



todos muito habilidosos, a minha mãe, a minha tia, as minhas primas todas elas têm jeito para as artes. O meu avô era mestre de sete ofícios, era tosquiador, cadeireiro, carpinteiro... como carpinteiro passava semanas a trabalhar fora em casa de lavradores como era costume os mestres de ofícios fazerem. Levava a caixa das ferramentas e lá montava a sua oficina. Arranjava portas, mesas, cadeiras, o que houvesse para arranjar. Findo o trabalho na casa de um lavrador passava a outra. No monte tinha a oficina, com as ferramentas e com a banca. Ainda hoje existe esse espaço e ainda lhe chamamos - a oficina. Eu gostava de ir para lá e brincar com as ferramentas. Ainda cheguei a levar algumas “zurgatadas” por asneiras que fazia. Lembro-me de andar a pregar pregos em coisas que já estavam acabadas à espera de ser entregues.

Às vezes o meu avô proibia-me mesmo de entrar na oficina. *Uma vez, com os meus 12/ 13 anos, apanhando o meu avô fora do monte aproveitei para brincar com as minhas amigas na oficina. Que resolvi fazer? Chamei as minhas amigas, a Paula, a Ana Maria e a Célia e das melhores tábuas que havia na oficina fiz “tairocos” para todas, preguei-lhes umas tiras de cabedal e aí andávamos nós escorregando por aquelas ruas. Quando o meu avô voltou não me bateu mas tive meses de castigo sem entrar na oficina.*

O mestre Artur, agora com nome de rua no monte das Vargens, era uma pessoa conceituada e amiga de todos, chegou a ser Cabo Encarregado, era ele que afixava os editais. Gostava muito de ir com ele afixar os editais. E... quando ele tinha cadeiras já reparadas prontas para entregar? Eu prontificava-me logo para ir fazer as entregas na esperança de ver algum dinheirinho. Mas não, faltou uma vez para a primeira para receber. As contas eram sempre com ele. " A Margarida volta então a falar-nos da tecelagem.

"Sou capaz de fazer qualquer tipo de manta tradicional nos antigos teares. Sejam mantas de retalhos, de listas, de montanhac. Na altura em que tecia o que ganhava não era grande coisa então fui dar formação profissional na zona de Castro Verde. Fiz cursos, ensinei gente, montei oficinas "de alto a baixo".

Depois deixei, abri uma loja de artesanato com objectos decorativos mas também utilitários.





Foi aí que comecei a fazer com regularidade os meus bicharocos. Cheguei a expor em Lisboa, no castelo de S. Jorge, em Portel e aqui em Mértola. Mais tarde fechei a loja - a Loja da Guida- assim era chamada por toda a gente. Continuei a dar formação profissional e a fazer os meus osgos-sauros e pintossauros no quintal da minha casa.

Hoje sou técnica de animação da autarquia e nas horas vagas continuo a fazer e a pintar os meus bicharocos e também a reciclagem de móveis em fim de vida. A estes empresto nova roupagem com novas pinturas. Por vezes tenho que reconstruir um móvel fazendo peças inteiras ou partes em falta, no fundo acrescento vida a objectos que estão em fim de linha porque estão em desuso ou considerados lixo.

Aquilo que mais desejava, para além de ter muita saúde, ser feliz, ter sucesso e algum dinheirinho, era trabalhar a tempo inteiro nisto pois agora só consigo abrir o atelier nas horas livres que são poucas... futuramente quero apostar na criação de uma página online para facilitar as vendas." E assim, no meio do emaranhado ordenado da sua oficina lá arrematou que continua procurando novos conhecimentos, experienciar novas situações que permitam aprender mais e mais, procurando sempre novos horizontes.



Aula Aberta

Leite, carinho e muita linguagem

de Cristina Taquelim, revisão: Paula Cusati

Quando lerem este texto já serei avó. Talvez por isso, neste imaginar feliz de tudo aquilo que uma avó pode fazer de bom pelos seus netos e netas, escolhi falar de linguagem e de como ela é determinante no destino da infância.

Leite, carinho e muita linguagem, diria o meu amigo Evélio Cabrejo Parra, defendendo estas três condições como as fundamentais para responder às necessidades biológicas, psíquicas e culturais do bebê.

Imagino um bebê. Um pedacinho de gente cheio de capacidades naturais que emergem a partir daquilo que recebe como eco do seu meio familiar. Começa a sua existência num estado de total dependência dos adultos que o rodeiam e, depois, põe-se a caminho. O nascimento marca a separação dos corpos.

“O bebê resiste a esta separação vinculando-se psiquicamente à voz da mãe, a qual distingue e prefere entre todas as outras escutadas. É um vínculo de amor. Ele ama a voz materna antes de amar a mãe real.”

Cada cultura, cada língua, cada família tem maneiras específicas de acarinhar linguisticamente os seus bebês. Todas embalam, e acredito que esse embalo constitui a primeira literatura que o bebê encontra. A literatura da cultura que o traz ao mundo. Todas as culturas do mundo possuem, no repertório de afectos da sua língua, textos literários, pequenas fórmulas rimadas, cantadas, repetidas de geração em geração e que cumprem um papel importantíssimo no desenvolvimento psíquico e linguístico das suas infâncias.

“Contar histórias e ler em voz alta textos de qualidade literária e poética facilita a apropriação da língua, alimenta a capacidade pensar, dá asas à imaginação, chamando o prazer à aprendizagem da leitura.”

As crianças que se veem privadas de viver este tão rico e variado património linguístico não terão o mesmo destino individual e social que outras que não viveram essa privação. Se a língua oral for pensada “como uma forma musical que torna audível o pensamento”, uma porta de acesso à vida psíquica, perceberemos ainda melhor a importância de retomar estas práticas no quotidiano e continuar a nutrir de palavras e embalos o berço das nossas crianças. Na qualidade de avó, não podendo dar o leite, fico-me pelo colo, pelo carinho e pela linguagem. Não é pouco.

■ PRE(CURSO) KANGURU



ACOLHER

Destinado a todas as famílias do concelho de Mértola

_OBJETIVOS

Fortalecer nos pais as estratégias de parentalidade positiva para:

- . uma comunicação mais positiva;
- . uma gestão de emoções mais eficaz;
- . uma maior confiança na tomada de decisão.

7 SESSÕES

22 Janeiro de 2022

25 de Março 2023

Sábados
das 10:00 às 12:00

Salão Nobre da Junta de
Freguesia de Mértola

- 1ª sessão - **CONECTAR** - 29 janeiro 2022
- 2ª sessão - **FALAR** - 19 março2022
- 3ª sessão - **BRINCAR, CUIDAR & AMAR** - 15 maio 2022
- 4ª sessão - **LIDERAR** - 24 setembro 2022
- 5ª sessão - **VALORIZAR** - 26 novembro 2022
- 6ª sessão - **DESPERTAR** - 21 janeiro 2023
- 7ª sessão - **SALTAR** - 25 março2023

Mais Informações: (+351) 968 342 662 / projeto proximosscomm@gmail.com

com

CRISTINA NOGUEIRA DA FONSECA

- Especialista em psicologia comunitária e psicologia positiva
- Gosta de pessoas, livros, caminhadas, café e mil folhas

Fundadora do projeto nacional:



Aves Migratórias

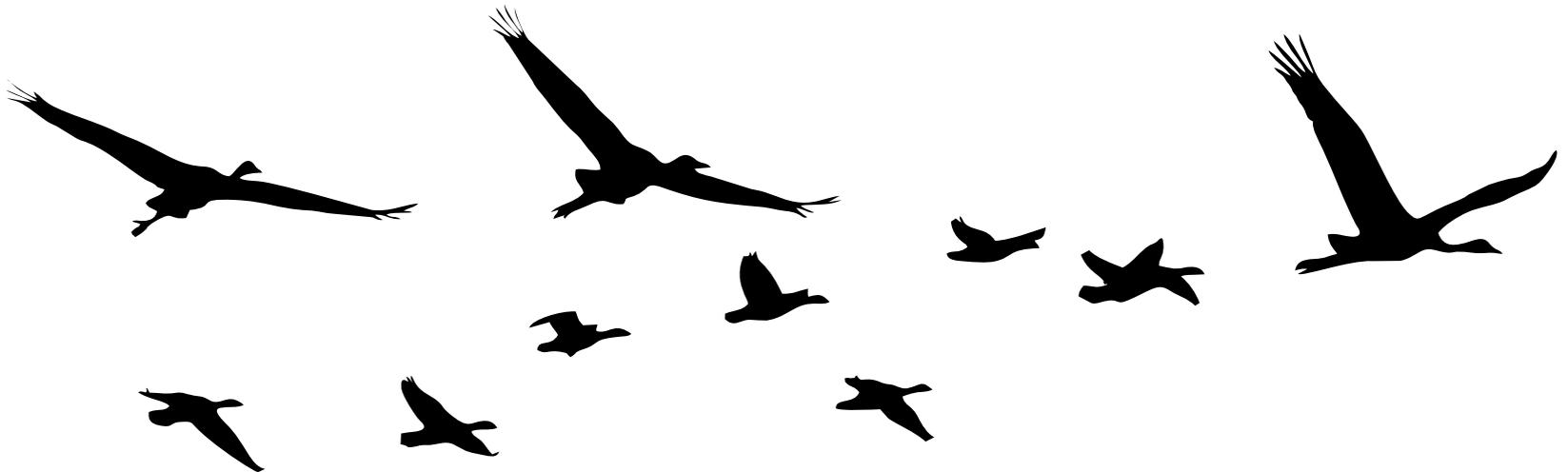
As aves migratórias são um grupo de aves que realizam migrações, i.e deslocam-se, numa determinada época do ano, em massa da área de reprodução para áreas de alimentação, e depois noutra época do ano, retornam para as suas áreas de reprodução, repetindo esse ciclo anualmente.

Este fenómeno é amplamente difundido entre as aves e tem como uma das principais causas a procura de alimento sazonalmente disponível.

As aves migratórias são subdivididas em três grupos: as do Hemisfério Norte, do Hemisfério Sul e Neotropicais. As que vêm do Hemisfério Norte são consideradas grandes migrantes, pois cruzam hemisférios, podendo voar mais de 20 mil quilómetros como é o caso do garajau-do-ártico (*Sterna paradisaea*), uma ave com cerca de 100 g de peso, que realiza duas vezes por ano uma jornada contínua de dois meses, entre o Ártico, onde nidifica, e o Antártico, onde passa o inverno para se alimentar (del Hoyo et al 1996).

Estes deslocamentos requerem resistência e habilidade. Antes da migração, as aves passam por um período de alimentação intensa e de engorda pré-migratória. A gordura é a principal fonte energética para os animais neste período. A orientação e navegação necessárias para seguirem as rotas migratórias são complexas e baseiam-se em muitas indicações sensoriais, como localização pela luz do sol, diferentes odores do ar, magnetismo e o movimento das estrelas.

Atualmente é possível individualizar no Globo Terrestre a existência de corredores migratórios” (flyways), i.e um conjunto de locais, países e regiões usados por vários sistemas migratórios sobrepostos, pertencentes a diferentes espécies e populações, cada qual com as suas preferências de habitat e estratégias de migração (Wader Study Group 1998).



“Portugal está Localizado no corredor migratório do Atlântico Oriental (East Atlantic Flyway). Este corredor migratório liga uma faixa contínua de áreas de reprodução no Ártico, que se estendem do Canadá Oriental até à Sibéria Central, com as áreas de reprodução e de invernada na Europa Ocidental e as áreas de invernada na África Ocidental e do Sul (BirdLife 2015). Corresponde a uma superfície superior a 45M Km2 e inclui 75 países, que albergam os movimentos de 297 espécies de aves migradoras.”



Além das aves que por cá ficam em períodos de invernada (para alimentação) ou em período de estio (para nidificação), o território é ainda cruzado por muitas aves de passagem que seguem a sua migração. Nos períodos de maior migração (inícios de outono ou inícios de primavera) são por vezes impressionantes bandos que cruzam os céus. Caso dos grifos *Gyps fulvus* que atravessam os céus no início do outono em direção à travessia do Mediterrâneo. Por conta, sobretudo das alterações climáticas e disponibilidade de alimento muitas espécies, outra migratórias, vão aumentando o contingente de residentes, caso das cegonhas-brancas *Ciconia ciconia*.

Neste fim de inverno e principio de primavera os céus e campos do Vale do Guadiana irão assistir à partida de umas e chegada de outras. Deixamos aqui uma pequena lista das principais aves migratórias

O
C
O
F
O
B



fotografia: Carlos Carropato

PRINCIPAIS AVES DE INVERNADA

Grou-comum *Grus grus*_ Vem do Norte da Europa e da Ásia Ocidental (tundra ártica e as zonas de esteques do paleártico ocidental). Chega às planícies do interior do Alentejo a partir de novembro e regressa aos locais de nidificação no final de janeiro.

Abibe *Vanellus vanellus*_ Também conhecido por ave-fria, o abibe é uma das aves mais emblemáticas da nossa avifauna invernante, com as suas vocalizações características, e a sua distintiva poupa e o padrão colorido da plumagem. É abundante durante o Inverno na metade sul do país. A melhor época de observação centra-se nos meses de Outono e Inverno, sobretudo entre outubro e fevereiro.

Tarambola-dourada *Pluvialis apricaria*_ Os terrenos abertos e planos são os melhores locais para procurar a esta espécie. A tarambola-dourada associa-se frequentemente a bandos de abibe. pode ser observada principalmente de outubro a fevereiro.

Felosinha-comum *Phylloscopus collybita*_ Pequena ave insectívora, é uma das mais comuns invernantes em Portugal. A melhor época de observação gira em torno do período entre novembro e março.

Ferreirinha-comum *Prunella modularis*_ Ave residente no norte e centro do país em matagais nas terras altas, é invernante no Alentejo e ocorre na região de Mértola.

Associadas a zonas húmidas (zonas ribeirinhas, charcas, albufeiras) algumas aves aquáticas como os patos têm já populações residentes, mas aumentam a densidade no período de outono/inverno caso da Frisada Mareca *strepera*; do Pato-real *Anas platyrhynchos*; da Marrequinha *Anas crecca*; Pato-de-bico-vermelho *Netta rufina* ou Zarro-comum *Aythya ferina*. Íbis-preta *Plegadis falcinellus* também já residente. E mais raros os flamingos *Phoenicopterus roseus* de passagem para os estuários do Guadiana e Ria Formosa.



PHOTO: MIGUEL ROLO

PRINCIPAIS AVES ESTIVAIS

Peneireiro-das-Torres *Falco naumanni*_ Em Mértola ocorre a única colónia urbana desta espécie que é um migrador precoce. Chega em fevereiro e parte em julho.

Tartaranhão-caçador *Circus pygargus*_Nidificante estival, está presente no território a partir de meados de março até setembro. Os seus ninhos são construídos no chão, muitas vezes no meio das searas.

Milhafre-preto *Milvus migrans*_Rapina migradora, que está presente no nosso território de março a agosto, sendo frequente nas zonas de planície. O seu Inverno é passado em África, a sul do deserto do Saara.

Perdiz-do-mar *Glareola pratincola*_É uma limícola estival, pouco comum. Encontra-se entre nós de finais de março até princípios de Setembro. As suas vocalizações são semelhantes a risos de pessoas.

Cuco-rabilongo *Clamator glandarius*_O canto do cuco anuncia a chegada da Primavera. A maioria dos indivíduos chega durante o mês de março. É uma espécie parasita, que põe os seus ovos em ninhos de corvídeos, principalmente de pega-rabuda, mas também de pega-azul, gaio e gralha-preta.

Andorinhas_Tal como o canto do cuco, os voos frenéticos das andorinhas anunciam a Primavera. Por cá ocorrem as seguintes espécies: andorinha-das-barreiras *Riparia riparia*; Andorinha-das-chaminés *Hirundo rustica*; Andorinha-dáurica *Cecropis daurica*; Andorinha-dos-beirais *Delichon urbicum*.

Andorinhão-cafre *Apus caffer*_É andorinhão mais raro de Portugal. Raramente sendo visto antes dos fins de maio e permanecendo até agosto ou setembro. Ocorre sobretudo na zona da Mina de S. Domingos onde nidifica.

Mocho-pequeno-d'orelhas *Otus scops*_Pouco comum, este pequeno mocho é estival e ocorre sobretudo de março a setembro. Um pouco menor que o mocho-galego, caracteriza-se pelos pequenos tufos que possui sobre a cabeça, que se assemelham a "orelhas".

Noitibó-de-nuca-vermelha *Caprimulgus ruficollis*_Exclusivamente estival, este é um nidificante tardio, chegando ao nosso território a partir de meados ou finais de abril, permanecendo até meados de setembro.



PA
LA
VRA

PASSA



JORNADAS

ETNOBOTÂNICAS PULO DO LOBO

AMENDOEIRA DA SERRA , MÉRTOLA
25 A 27 MARÇO 2022



SO

CIE

DADDE

RECREATIVA

BANDAS FILARMÓNICAS

Dia de Ensaio

por Manuel Marques

Os sons desafinados ecoavam pela sala num frenesim indecifrável. Escalas e trechos musicais misturavam-se numa sobreposição nada melódica e muito menos harmónica. O dia estava frio e os instrumentos precisavam de aquecer... Em frente à estante, onde assentavam as partituras das músicas para o ensaio, o regente empunhou a batuta e bateu três vezes. Os sons secos e compassados espalharam-se pela sala e como um passo de magia... fez-se silêncio.

Olhando para a sala escolheu um 1º clarinete e pediu-lhe para tocar uma nota. Ao seu sinal, cada um dos músicos por ele indicado, foi afinando o seu instrumento. Clarinetes, flautas, flautins, requintas, saxofones..., um a um, apertando ou alargando a boquilha, foram encontrando o tom da nota do colega inicial. No final num apelo conjunto e em uníssono, uma nota ecoou pela sala como se de um só instrumento se tratasse. Estava afinado o naipe das madeiras. De igual forma foi

pedido ao grupo dos metais (trompete, fliscorne, trompa, trombones, tuba, bombardino, baixo ...) que reproduzissem individualmente essa nota. Por último foi solicitado a todos que, a tempo, o voltassem a fazer... O som ecoou pela sala, alto e límpido, só quebrado pelo gesto circular do regente. Estavam prontos.

Olhos na partitura vociferou: - "El gato Montés". As pautas nas estantes foram alinhadas e com olhos postos no regente os músicos aguardaram o sinal.

oto 1 - Foto cedida por António Sequeira que integrou a exposição "Mértola - 100 anos de história" - curadoria de Manuel Passinhas da Palma



2/11/924.

Com os braços no ar, os olhos percorreram todos os naipes como que a aferir a atenção de cada um para o momento. Um, dois, três... e ouvem-se as primeiras notas desse pasodoble onde o bombo, a tarola e os pratos marcam o compasso.

- Filarmónicas

Esta poderia ter sido a descrição do ensaio de uma das bandas filarmónicas que existiram em Mértola e na Mina de S. Domingos no século passado (fotos 1 e 2). A aprendizagem da música, tal como ainda é hoje, era feita no seio da banda. Aqui o solfejo era ensinado umas vezes pelo regente, outras pelos músicos mais velhos numa colaboração que se tornava prática, educativa, menos austera, mas não menos exigente. O Mestre da banda, por norma possuía o curso de regência e tanto podia ser um elemento da própria banda como um músico contratado para o efeito vindo de outras paragens. Numa carta, datada de outubro de 1962, que se encontra no espólio da Fundação Serrão Martins, dá conta da contratação de um regente para a Filarmónica da Mina de S. Domingos, com formação militar, vindo da Vidigueira. No texto podemos ler que o contrato incluía habitação, 30 dias de licença anual depois de 1 ano completo de serviço e um vencimento de 1300 escudos mensais. Em troca, o regente deveria assegurar: 3 ensaios por semana, 2 dias por semana de lições aos aprendizes, 1 dia por semana para cópia do repertório, a realização de 1 concerto aos domingos no jardim público, dependendo da época do ano e a organização de um orfeão ou de um grupo coral (doc. 1 e doc. 2).

Pouco se sabe ainda sobre estas duas bandas filarmónicas, mas a sua importância foi certamente relevante pois chegaram até hoje alguns ecos bastante positivos da sua existência.

Foto 2 – Foto que integra a publicação “Mina de S. Domingos 150 anos de história” – coordenada por Miguel Rego





Símbolos de uma educação não formal, as Bandas Filarmónicas foram e continuam a ser escolas de música, substituindo-se ao Estado numa das suas principais funções, formar indivíduos. Com uma história de cerca de 300 anos (existem registos de filarmónicas criadas por volta de 1722), as Filarmónicas foram-se disseminando pelo território esbatendo classes sociais e levando ao povo o que há de mais genuíno: a música.

As suas atuações eram feitas em vários momentos e em espaços diferenciados. Procissões, inaugurações, romarias, concertos em dias festivos mas igualmente em funerais. As filarmónicas encarnam a identidade do lugar e são pertença da própria comunidade. A elas se pede que reforcem a socialização e facilitem a integração/inclusão das crianças e jovens. Disciplina, espírito de grupo, partilha, autoconhecimento, relacionamento intergeracional são algumas das características que se destacam nas filarmónicas e que em muito contribuem para a formação global do indivíduo e para a formação dos públicos dos territórios onde estão inseridas. Vários são os profissionais com carreiras escolares ou profissionais ligadas à música que fizeram o seu percurso nas bandas filarmónicas. A elas se deve um espírito associativo mais forte, duradouro e um contributo inextinguível para a preservação e divulgação de obras e de compositores esquecidos ou em vias de esquecimento. Também é inegável o seu papel na captação de novos talentos tanto ao nível da execução, regência e/ou criação musical. Devemos-lhes um reconhecimento que lhes é incontestavelmente merecido.

i. A primeira filarmónica da Mina de S. Domingos foi criada em 1894

ii. Pereira, Rui Penha – A importância histórica, educativa e cultural das Bandas Filarmónicas - https://sapiencia.ualg.pt/bitstream/104001/5994/1/A_import%C3%A2ncia_hist%C3%B3rica_educativa-e-cultural_das_bandas_filarm%C3%B3nicas.pdf

iii. No Semanário Progressista “O Mertolense” de 19 de janeiro de 1908, a propósito do funeral de Francisco Bernardo da Fonseca Junior, pode ler-se: “..Acompanhou também o enterro a irmandade da Misericórdia e a Philarmonica Artística Mertolense, regida pelo músico mais velho da mesma, sr. André de Jesus Infante.”



GAS
& TRO
NOMIA
MERCADOS

O ABC das plantas comestíveis, aromáticas e medicinais

_Hortelã

Hortelã *Mentha* sp. (*Mentha pulegium* L. (Poejo); *Mentha cervina* L. (Hortelã-da-ribeira); *Mentha suaveolens* L. (Hortelã-brava).

A hortelã, erva espontânea aromática, é facilmente reconhecida por todos, pelo seu aroma característico a menta. Geralmente associada a uma única espécie, a hortelã-comum, com múltiplos usos culinários (*Mentha spicata*), ou a hortelã-pimenta (*Mentha x piperita*) frequente em infusões. A família das hortelãs inclui outras espécies de aromáticas muito utilizadas na culinária alentejana, como a Hortelã-brava, a Hortelã-da-ribeira e o Poejo. No total existem 24 espécies de género *Mentha*, descritas, com distribuição por todos os continentes.



Em Portugal encontram-se seis espécies nativas. As Menthas, ou hortelãs, são plantas condimentares, aromáticas e medicinais de porte herbáceo ou arbustivo.

Estas plantas são reconhecidas como medicinais desde a antiguidade.

A **hortelã-brava ou mentastro** (*Mentha suaveolens*) é a silvestre mais frequente e fácil de encontrar por todo o país. Habita em qualquer tipo de zona húmida, mais ou menos permanente, e é utilizada principalmente em infusões, ou como condimento. É também uma planta que além de atrair abelhas e outros polinizadores benéficos, possui um odor que afasta ratos e outros roedores.

O **poejo** (*Mentha pulegium*) é amplamente utilizado na gastronomia do Baixo Alentejo, estando presente em pratos como a caldeirada, ou as sopas e/ou açordas. É uma planta herbácea, perene, que chega geralmente aos 40 cm de altura, sendo composta por caules prostrados erectos. As flores, de tom rosado a lilás, surgem no final da primavera, permanecendo durante todo o verão. O habitat mais comum desta espécie são margens e leitos secos de linhas de água, zonas de pastagens, barrancos, ou outras áreas de inundação temporária. O poejo é uma espécie nativa da Macaronésia, Mediterrâneo, Europa e Ásia Ocidental.

A **hortelã-da-ribeira ou erva-peixeira** (*Mentha cervina*), como o próprio nome indica, conta-se que seria muito utilizada pelos pescadores para temperar o peixe, que pescavam no rio, e o qual seria por muitas vezes a sua refeição durante longas jornadas de trabalho.

Ana Morais, Jorge Batista // Associação Montícola

_Curiosidades...

A família das hortelãs, as *Lamiaceae*, é uma das famílias com maior número de espécies aromáticas e condimentares, entre as quais o alecrim, o rosmaninho ou os tomilhos. Mas mantendo o aroma característico a menta, destaca-se a erva-das-azeitonas (*Calamintha nepeta*), que tal como o nome indica, é utilizada na curtição das azeitonas

Hortelã

Alivia
congestão
nasal

Elimina o
mau hálito

Ajuda a
combater
vermes

Ameniza
dores de
cabeça e
musculares

Diminui
as náuseas

Melhora
a **respiração**

Favorece
a digestão

Acalma e
diminui a
ansiedade





Massa de Pimentão

RECEITA DE HELENA COSTA

Mértola

“Primeiro temos que saber escolher os pimentos. Este deverão ser mais grossos do que os normais, os ideais chegam a ter um dedo de espessura. São chamados pimentões de carne. Começam a ficar vermelhos na planta logo em pequenos e são mais arredondados que os outros.

Quando maduros são lavados, bem secos, abertos em quartos e limpos de sementes e de “linhas”.

Utilizando um alguidar de barro bem largo colocam-se os pimentos em salmoura durante uns dias; colocam-se os quartos de pimentos em camadas com as costas para baixo. Depois da primeira camada bem arranjadinha no alguidar salga-se e coloca-se nova camada de pimentos voltando-se a salgar e assim sucessivamente.

Depois de terminada a salmoura os pimentos são limpos do sal em excesso e passam-se por uma máquina do género da máquina de encher linguiças. Há umas que têm três ralos para – para moer grosso, médio ou fino. E assim se faz a massa de pimentão.

Para a massa não criar bolor é costume colocar um pano por cima com um “pingo” de azeite.

Antes da utilização, principalmente no tempero das chouriças a massa de pimentão deve ser provada de sal.”

Rosas

**RECEITA DE LOURDES PEREIRA (Milú)
Mértola**

Ingredientes (4px):

300gr de farinha de trigo sem fermento;
6 ovos; 6 colheres de sopa de óleo;
2 chávenas de leite

Modo de confecção:

Coloca-se ao lume uma frigideira funda com o óleo a aquecer. A forma das rosas é logo colocada no óleo.

Enquanto o óleo e a forma aquecem vamos batendo os ovos com a varinha mágica (lentamente); ao mesmo tempo acrescentamos, aos poucos, a farinha. Quando a massa for engrossando acrescenta-se um pouco mais de leite. E vai-se intercalando ora leite ora farinha até a massa estar preparada.

Passa-se com a forma bem quente pela massa de modo a que a forma leve uma quantidade suficiente de massa e leva-se esta ao óleo. Com cuidado desenforma-se a massa e deixa-se fritar q.b.

Por fim, passam-se pelo mel.

O aspeto final da rosa tem a ver com a experiência e a arte da cozinheira. Em Mértola as rosas são um doce muito apreciado que vai à mesa no Natal e cujo segredo de confeção está nos saberes ancestrais de mãos habilidosas e nos utensílios usados.



NA MESA

_Tortilha de Espargos

RECEITA DE GERALDINE ZWANIKKEN

Ingredientes (4px):

4 Batatas; 1 Cebola; 1 Dente de alho
Molho de Espargos ; 5 Ovos; Curcuma
Açafrão da Índia; Pimenta preta
Piri-piri; Alecrim; Queijo ralado
½ Copo de azeite; Sal q.b.

Modo de confecção:

Cortam-se as batatas e a cebola às rodelas fininhas. Pica-se o alho.

Numa frigideira aquece-se o azeite, junta-se a cebola e o alho a alourarem e por fim juntam-se os espargos cortados aos bocados.

Entretanto batem-se os ovos com o sal, a curcuma, o açafrão, a pimenta preta e uma pitada de piri-piri (opcional).

Junta-se ao preparado as batatas, a cebola e os espinafres. Mistura-se tudo muito bem.

Coloca-se numa frigideira e polvilha-se com queijo ralado e alecrim. Tapa-se e vai a cozer em lume brando por cerca de 10 minutos.

Nota: Os espargos podem ser substituídos por acelgas ou urtigas (sem flor) ou uma mistura dos dois. Pode ainda fazer-se com courgete ou beringela.



Tortilha

+/- 4 batatas 

1/2 copo Azeite 

Opcões:

Espargos

Espinafre

Courgette

Urtiga

Beringela

Cebola
Alho

5 Ovos batidos
com sal e especiarias
a gosto 

Misture as batatas
com os ovos 

Na Frigideira:
Coloque por cima
queijo ralado e
temperos a gosto 

Cozinhe 10 minutos
em lume brando
com tampa 

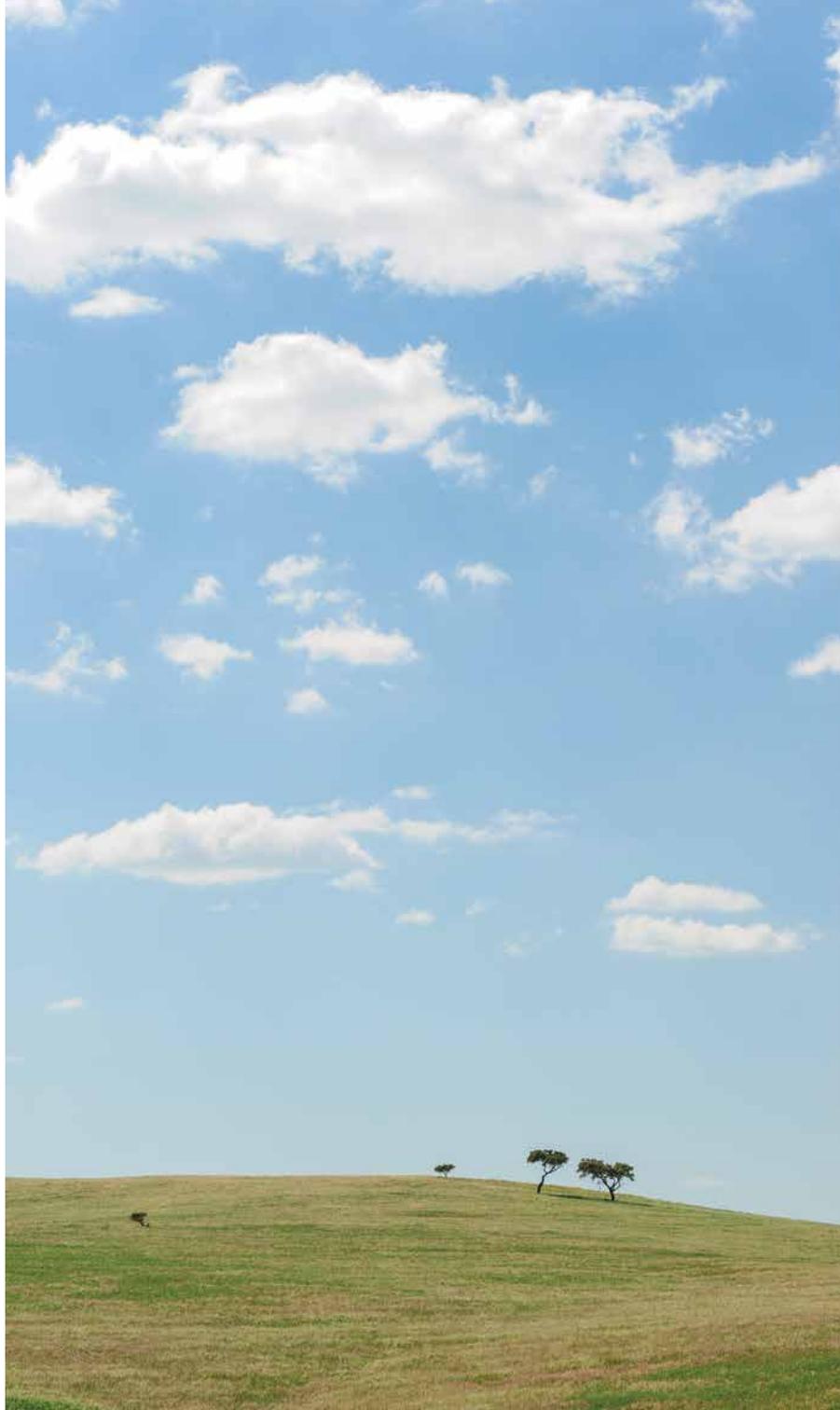
Caminhos Contados

_ Percursos pedestres performativos de boca em boca

Caminhos Contados faz um convite à viagem e descoberta do Concelho de Mértola partindo de percursos performativos conduzidos por Pedro Faria Bravo, guia local, e Rita Sales, atriz, com apresentações previstas entre Janeiro e Maio de 2022.

Desenhados a partir da escuta das pessoas e dos lugares, cada um dos 7 percursos decorre numa das freguesias do Concelho, passando pelos montes, aldeias e paisagem ao seu redor, reatando caminhos antigos, hoje já pouco pisados e quase inacessíveis.

Os 7 percursos performativos distintos, que apelam à participação de todas as pessoas: caminhando, escutando e interagindo entre si e com o que as rodeiam; são uma oportunidade para um encontro performativo com as histórias nos locais onde foram originalmente escutadas, ou onde se conta terem acontecido.



Caminhos Contados, são percursos criados no âmbito do projecto De Boca em Boca - histórias a nutrir comunidades, e mantêm vivo o seu princípio fundamental: a reactivação do contar em comunidade, dando continuidade à actividade artística e cultural num território caracterizado pela baixa densidade demográfica.

Após um primeiro ano de actividade regular baseada no encontro com as pessoas, sobretudo as mais isoladas, para lhes contar histórias e convidá-las a partilharem as suas, resultaram variadas recolhas - de textos orais, de gestos e movimentos, de imagens e de sons - que resolvemos agora devolver à comunidade, propondo um esboço de uma cartografia narrativa da paisagem e dos lugares.

Público(s) alvo_

todas as pessoas, sendo que os caminhos não são de fácil acesso a pessoas com mobilidade reduzida.

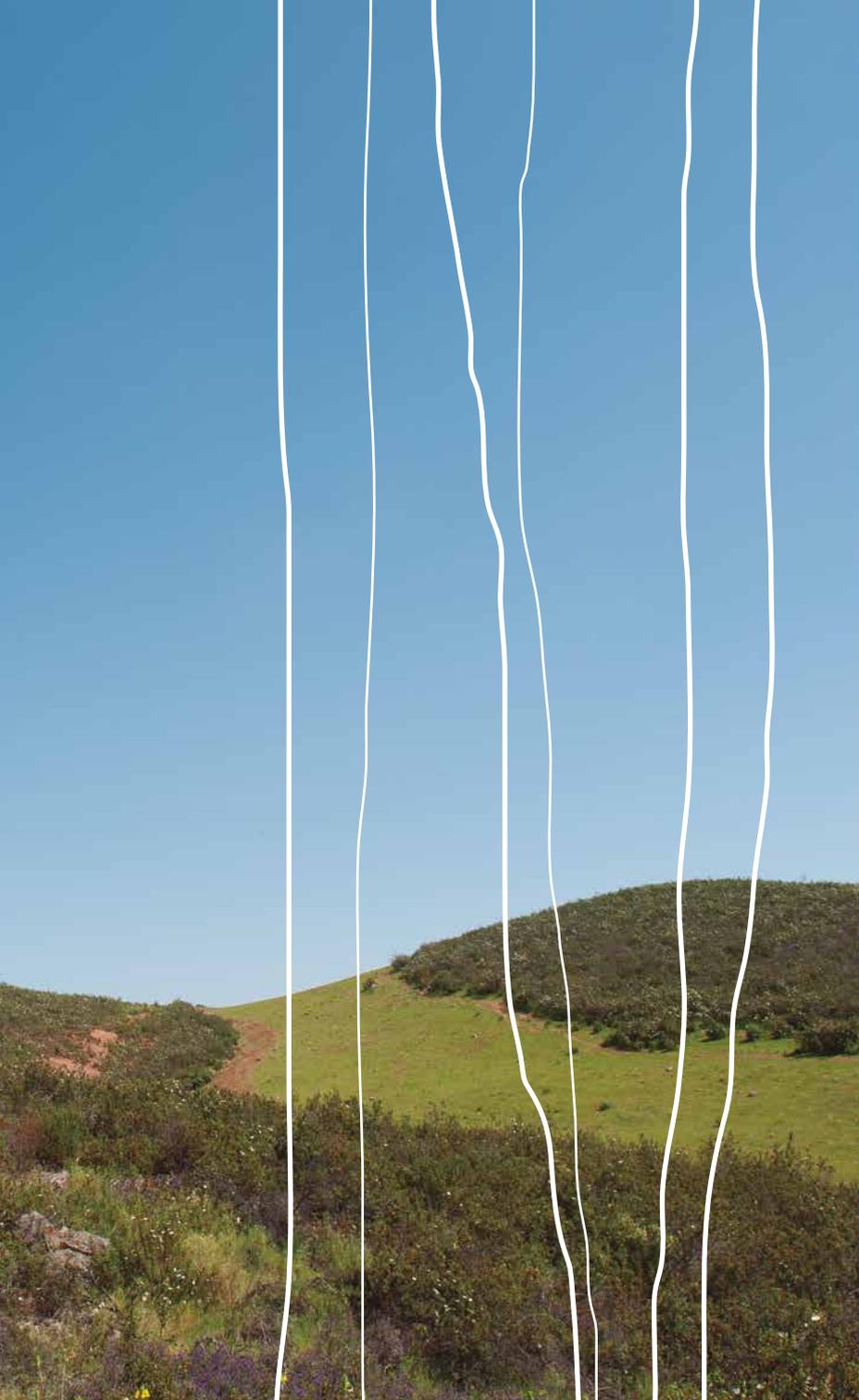
Datas_

6 de Fevereiro << Vargens,
20 de Fevereiro << Mesquita
6 de Março << Santana
20 Março << Corte da Velha

Informações_

debocaemboca.mertola@gmail.com
966 434 317 / debocaemboca-mertola.com





App Agenda desdobrável

Agora para ficar a par de toda a agenda cultural de Mértola, pode descarregar a app agenda cultural. Pode seleccionar os eventos que não quer perder, receber notificações. Vá às app stores IOL e Android e descarregue Agenda Cultural Mértola.

propriedade

Câmara Municipal de Mértola

edição

Divisão de Cultura e Património, Desporto e Juventude

tiragem

1500 exemplares

periodicidade

trimestral

distribuição gratuita

Se desejar enviar alguma informação para eventual inserção na próxima edição da Agenda Cultural de abril, maio e junho de 2022 pode fazê-lo até dia 10 de março de 2022, através do Fax: 286 610 101, e-mail: geral@cm-mertola.pt ou por carta para Câmara Municipal de Mértola, Divisão de Cultura e Património, Desporto e Juventude, Praça Luís de Camões, 7750 -329 Mértola.

Versão digital em:
www.cm-mertola.pt



MÉRTOLA
CÂMARA MUNICIPAL